

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA, RELAÇÕES PÚBLICAS E
TURISMO

O VIAJANTE AFRO-BRASILEIRO: ENEGRECENDO O TURISMO

THAINA SOUZA SANTOS

SÃO PAULO
2018

THAINÁ SOUZA SANTOS

O VIAJANTE AFRO-BRASILEIRO: ENEGRECENDO O TURISMO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Miranda de
Sá Teles

SÃO PAULO
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Thaina Souza
O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo /
Thaina Souza Santos ; orientador, Reinaldo Miranda de Sá
Teles. -- São Paulo, 2018.
83 p. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Relações
Públicas, Propaganda e Turismo/Escola de Comunicações e
Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. turismo 2. racismo 3. injúria racial 4. viagem 5. afro-
brasileiro I. Miranda de Sá Teles, Reinaldo II. Título.

CDD 21.ed. - 910

THAINA SOUZA SANTOS

O VIAJANTE AFRO-BRASILEIRO: ENEGRECENDO O TURISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título de Bacharel
em Turismo.

Aprovado em:

São Paulo, 07 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles - Presidente da Banca
Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira
Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos
Universidade de São Paulo (IP-USP)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Ana Elízia e Odilon, que tudo fizeram para que eu existisse.

Às donas que ajudaram a traçar o meu destino: Dona Iracema em memória e Dona Cleonice.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus que colocou a minha família no meu destino e que me permitiu chegar aqui, feliz e orgulhosa da mulher que me tornei. Aos ancestrais que entre suor, sangue e lágrimas sopram força, coragem e cuidado.

Aos meus pais que tudo fizeram para que eu existisse e tivesse uma vida de escolhas, que me pouparam de todas as formas para que eu pudesse estudar e ser a primeira de nossa família a transgredir barreiras pelo conhecimento. A minha Vó Iracema (em memória) e minha Tia Cleonice com quem por tanto tempo morei, agradeço por cuidarem de mim, por ensinarem e compartilharem amor e afeto incondicional. A minha prima Talita que esteve presente num carinho papel de irmã mais velha.

Ao samba, que mostrou ser o elo que faltava com a ancestralidade, serendipidamente. Por me ensinar disciplina, êxtase, entrega, respeito e magia, que só a pulsação da bateria me trouxe. Não somente, agradeço a institucionalização do samba, as escolas de samba, as que visitei, que me acolheram e que foram o objeto de estudo da minha iniciação científica, cujo momento amadureceu meus primeiros passos acadêmicos.

À BATERECA, por me representar ao samba, por me apresentar ao mundo das baterias universitárias, pelo privilégio de tocar em todos os torneios que pude me dedicar, por me ensinar sobre relações humanas e todos os sentimentos mais intensos que vivi, por confiar em mim como mulher e mestra de bateria em 2017 e agradeço pelas amizades especiais que cultivei em cinco anos.

À ECA Jr, como um presente que jamais esperei ganhar e que ainda não sei se merecia tal função e confiança pela gestão que nos antecedeu. Gestão 15/16, sou imensamente grata por tudo que vivemos e aprendemos, juntas.

Aos amigos que fiz na ECA e na USP que carregarei comigo enquanto a vida permitir e especialmente aos de curso que me acompanharam e apoiaram na trajetória: Andressa, Carolina Woods, Daniele, Denise, Diego e Mariana, somos turismólogos, enfim.

Ao meu orientador Reinaldo, que despertou em mim a possibilidade acadêmica, por ser a figura que inspirou e me representou em sala de aula, e, como

homem negro ocupando à Academia, levando conhecimento e saber, agradeço a paciência e generosidade por acreditar em mim como pesquisadora, durante a iniciação científica e nesta monografia.

Aos viajantes negros que me inspiraram pela coragem de ocupar lugares onde disseram que não deveríamos estar. Aos que responderam esta pesquisa e contribuíram generosamente compartilhando informações sentimentos e histórias das quais sem elas este trabalho não seria possível.

Aos meus, que em todos os ambientes ainda enfrentam as estratégias mais desprezíveis do racismo, e, às mulheres negras cuja soma de opressões às atravessam e lutam para existir e seguir. Agradeço ainda aos que pensaram que eu não chegaria, cheguei.

EPÍGRAFE

*“Eu sei que algum dia eu hei de ir lá
Na terra onde o axé que há em mim brotou
Caminho inverso do ancestral
Sobre o azul do atlântico.
África, meu coração te escuta em yorubá.”*

Fabriccio

RESUMO

SANTOS, Thainá Souza. **O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo**. 83 p. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Turismo). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A invisibilidade do viajante negro e a escassez da intersecção do turismo e racismo em estudos acadêmicos, conduziram esta pesquisa exploratória. Por meio do levantamento de bibliografias, apresenta-se a trajetória do viajante afro-brasileiro através da formação da população negra, sua ascendente transição de mobilidade social e acesso ao turismo. Assim como, o recente agrupamento da comunidade negra para alicerçar um movimento de viajantes negros internacional, que condicionam novas iniciativas de viajantes afro-brasileiros e “afroempreendimentos” no setor. Com o propósito de coletar informações introdutórias desta perspectiva, realizou-se uma pesquisa não-probabilística online com o alcance de mais de 580 pessoas afro-brasileiras em mais de 20 estados brasileiros para identificar: como o racismo, o preconceito e a discriminação racial estão presentes na experiência deste viajante que encontra-se em formação de sua própria consciência racial, inserido na dinâmica do racismo à brasileira.

Palavras-chave: turismo; racismo; viagem; afro-brasileiro.

ABSTRACT

SANTOS, Thainá Souza. **The Afro-Brazilian traveler: blackening the tourism.** 83 p. 2018. Final Paper (Bachelor in Tourism) - School of Communication and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2018.

The invisibility of the black traveler and the scarcity of the intersection of tourism and racism in academic studies, led this exploratory research. Through the collection of bibliographies, the trajectory of the Afro-Brazilian traveler is presented through the formation of the black population, its ascending transition of social mobility and access to tourism, as well as the recent grouping of the black community to support a movement of black travelers that condition new initiatives of Afro-Brazilian travelers and black owned business in the sector. With the purpose of collecting information from this perspective, a non-probabilistic research online was carried out with the reach of 580 Afro-Brazilian people in more than 20 Brazilian states, to identify: how racism, preconceptions and the racial discrimination are present in the experience of this traveler who is in formation of the own racial consciousness, inserted in the dynamics of the Brazilian racism.

Keywords: tourism; racism; trip; Afro-Brazilian.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Capítulo 1 - Diáspora e o contexto dos seus descendentes no Brasil	20
1.1 A travessia transatlântica e a não inclusão dos negros no Brasil	20
1.2 Os afro-brasileiros	24
1.2.1 As afro-brasileiras	25
1.3 O racismo no Brasil	27
Capítulo 2 - Mobilidade social e o consumo da viagem	31
2.1 A mobilidade social da população negra no Brasil	31
2.2 A viagem como consumo	33
2.3 Os viajantes da classe C e D	35
Capítulo 3 - Movimento e comunidade: ideias negras, corpos negros	38
3.1 A influência do movimento negro na autoestima afro-brasileira	38
3.2 O afroconsumo: um novo conceito	40
3.3 O que é Black Money?	41
3.4 O viajante afrodescendente	43
Capítulo 4 - O viajante afro-brasileiro	48
4.1 Afroturístico ou Turismo Étnico?	48
4.2 O viajante afro-brasileiro	50
4.2.1 Métodos, tratamento dos dados e os primeiros resultados	51
4.2.2 O racismo e a injúria racial na experiência da viagem	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	75
ANEXOS	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro de mulheres negras durante viagem em 2016.....	45
Figura 2 - Distribuição espacial da população segundo cor e raça, 2000.....	47
Figura 3 - Registro do evento Debatendo Tendências em 2018.....	49
Figura 4 - Distribuição de acordo com o gênero.....	52
Figura 5 - Distribuição de racismo e/ou injúria racial em viagens domésticas.....	59
Figura 6 - Nuvem de palavras: racismo e/ou injúria racial em viagens domésticas..	64
Figura 7 - Nuvem de palavra: racismo e/ou injúria racial em viagens internacionais.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Despesa Familiar Mensal com Viagens por UF e Grupo de Renda.....	36
Tabela 2 - Frequência segundo agrupamento de estados por região.....	53
Tabela 3 - Frequência de destinos segundo região de viagens domésticas.....	54
Tabela 4 - Frequência de destinos da região Sudeste em viagens domésticas.....	55
Tabela 5 - Frequência de destinos segundo continente em viagens internacionais..	55
Tabela 6 - Frequência de destinos segundo subcontinente em viagens inter.....	55
Tabela 7 - Frequência de fatores que desestimulam a viagem doméstica.....	57
Tabela 8 - Frequência de fatores que desestimulam a viagem internacional.....	58
Tabela 9 - Racismo e/ou injúria racial em viagens domésticas por faixa etária.....	63
Tabela 10 - Racismo e/ou injúria racial em viagens domésticas por renda mensal ..	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Situações de racismo e/ou injúria racial durante viagens domésticas 60

Quadro 2 - Situações de racismo e/ou injúria racial durante viagens internacionais 61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEO	<i>Chief Executive Officer</i>
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CNN	<i>Cables News Network</i>
FNB	Frente Nacional Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INFOPEN	Sistema de Informações Penitenciárias
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e mais
MP	Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
MNU	Movimento Negro Unificado
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MTur	Ministério do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio Contínua
PLANAPIR	Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
TEN	Teatro Experimental Negro
UF	Unidade Federativa

INTRODUÇÃO

A ausência do debate sobre o racismo estrutural também atravessa os muros e atinge o viajante negro durante a sua experiência na viagem. Imagine-se ser impedido de entrar no hotel em que se está hospedado por suspeita de não ser hóspede, situação recorrente registrada dezenas de vezes pela mídia jornalística. Essas ocorrências despertaram empresas pautadas na valorização da identidade cultural negra, visando um atendimento sem preconceito racial e plena experiência de viagem entre pessoas negras.

Como imagina-se um viajante? Fundamentado pela formação histórica do nosso país e reproduzido pela mídia hegemônica, de certo, o imaginário coletivo não remete a este indivíduo como uma pessoa negra. Representando 54% da população, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população negra tem viajado mais, considerando o aumento das classes C e D (predominantemente negra). Essas transformações justificam-se ao longo do trabalho, através da transição de políticas públicas, resultante na modificação do comportamento desses viajantes, que temporalmente estão inseridos no recorte com análise de dados e pesquisas depois dos anos 2000.

O Ministério do Turismo (MTur) produz materiais sobre diferentes perspectivas do setor, o que inclui a caracterização da demanda turística de maneira geral, viagens domésticas e perfil socioeconômico. Entretanto, ainda não temos perspectivas de informações desses dados e análise em relação ao viajante afro-brasileiro.

Retratado majoritariamente em situações de trabalho e não usufruindo do lazer (HINTZE, 2012, pg. 68), a sub-representação acrescida da escassez de dados que caracterize esse viajante, condicionou ao problema de pesquisa desta monografia. Quem é então o viajante afro-brasileiro? A cor da pele afeta sua experiência enquanto viajante? A hipótese é que esses indivíduos ainda estão em formação da sua identidade como viajante e que o racismo interfere na experiencição da sua viagem, assim como a discriminação racial.

Para tanto, é fundamental compreender o preconceito racial como uma ideia prévia e negativa, estabelecida em relação a um indivíduo ou grupo social devido a

sua cor, raça ou etnia. A manifestação do preconceito através de um comportamento em razão da cor, raça ou etnia é entendido como discriminação racial, exemplificado por situações de restrição, reclusão, ou preferências pautadas por essas características ou que não tenham iguais condições de existência. Nesta dinâmica, o racismo é o conjunto de ideias que afirma a diferenciação de indivíduos ou grupos a partir da sua característica física ou genérica, segundo cartilha do Núcleo Especializado de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito em novembro de 2015 sobre o combate à discriminação racial.

Desta maneira, o principal objetivo deste trabalho, é apresentar a trajetória do afro-brasileiro diante da sua invisibilidade como viajante negro. Bem como, entre os objetivos específicos estão:

- a) Identificar se o racismo está presente durante a experiência de viagem das pessoas negras.
- b) Compreender a atuação de empresas especializadas na articulação da rede de turismo da população negra no contexto do movimento afro turístico.

Se faz necessário compreender da perspectiva acadêmica, a investigação em relação ao viajantes afro-brasileiros, uma vez que é constante a movimentação de estudos para visibilizar este grupo enquanto minoria. Não minoria populacional, mas em relação à representação e equidade. Da mesma maneira, revelar e caracterizar as relações da população negra com o turismo, uma vez que o racismo estrutura as relações desses indivíduos também durante a viagem. Sabendo-se que pouco se produz academicamente a respeito, este trabalho é também uma tentativa de enegrecer o turismo.

Esta pesquisa está fundamentalmente embasada em um caráter exploratório (DENCKER, 2000, pg. 124-125) a fim de compreender as nuances do viajante afro-brasileiro como consumidor de viagens em meio ao racismo culturalmente velado no país.

Para isso, a pesquisa bibliográfica pautou-se principalmente nos aspectos diaspóricos, perpassando por conceitos recentes do setor de viagens e dados socioeconômicos da população negra.

Com o objetivo de conhecer com mais profundidade as características da demanda potencial de viajantes afro-brasileiros, da perspectiva exploratória fez-se o uso de um formulário online para coleta de dados. Abaixo, estão elucidadas elementos fundamentais em relação aos métodos de elaboração e coleta.

- I. **Características e divulgação:** Amostragem não-probabilística (DENCKER, 2000, pg. 179) por bola de neve, foi divulgada através do perfil pessoal em redes sociais da autora deste trabalho, recebendo respostas de maneira espontânea engajado por comentários e compartilhamentos.
- II. **Período de resposta:** o formulário esteve disponível para os respondentes por duas semanas no período de 16 a 29 de outubro de 2018.
- III. **Público alvo:** como o perfil determinado, destinou-se a todos os homens e mulheres afro-brasileiros, isto é, aqueles que se auto-declaram negros a respeito da sua cor ou raça e que nasceram em território brasileiro.
- IV. **Temática das questões:** as questões formuladas foram divididas em quatro principais blocos:
 - a) Dados Pessoais: com questões que buscavam compreender as informações socioeconômicas do respondente;
 - b) Experiências Etnológicas Nacionais: compreender informações a respeito da sua experiência enquanto viajante negro em território brasileiro;
 - c) Experiências Etnológicas Internacionais: compreender informações a respeito da sua experiência enquanto viajante negro em território estrangeiro;
 - d) Movimento Afroturístico – descobrir ainda, se o viajante está atento ao movimento que tange a ele próprio como protagonista.

A respeito do conteúdo das questões, todas as perguntas constam no APÊNDICE A deste trabalho e serão levantadas de maneira oportuna na apresentação dos resultados.

Este trabalho tem seus elementos textuais estruturados em quatro capítulos. O primeiro capítulo "*Diáspora e o contexto dos seus descendentes no Brasil*" apresenta o contexto da formação da população brasileira dando ênfase nos negros

e negras da diáspora, temática fundamental para compreender a trajetória desse viajante, além do recorte específico de gênero das mulheres negras, as afro-brasileiras e os principais conceitos fundamentados para o debate sobre o racismo.

O segundo capítulo *“Mobilidade social e o consumo da viagem”* é a breve tentativa de reconstruir por quais caminhos a população negra teve acesso a oportunidade de viajar, ainda que as pautas primordiais para existência ainda estejam em constante luta.

O terceiro capítulo *“Movimento e comunidade: ideias negras, corpos negros”* apresenta a união enquanto comunidade pelo movimento negro e recentes conceitos que tem emergido nas discussões em relação a viagem e o racismo em contexto internacional.

O quarto capítulo *“O viajante afro-brasileiro”* percorre pelo debate do movimento afroturístico, turismo étnico e principalmente, os resultados e análises da pesquisa não-probabilística online, realizada com afro-brasileiros que compartilharam experiências em relação a viajar sendo uma pessoa negra no Brasil e no mundo.

Capítulo 1 - Diáspora e o contexto dos seus descendentes no Brasil

*Eu sei que é difícil aturar
Mais fácil deixar adoecer
Mas a gente nem pode optar
E simplesmente poder padecer*
Tássia Reis

Este capítulo tem por objetivo elucidar historicamente o contexto sociocultural da formação da população negra do Brasil, assim como, percorrer pelas principais particularidades para compreender o afro-brasileiro na sociedade e as consequências sociais da escravização a partir da diáspora africana.

1.1 A travessia transatlântica e a não inclusão dos negros no Brasil

A palavra diáspora¹, entendida como a dispersão ou deslocamento de povos originários de um agrupamento identitário, geográfico ou não, dissimula o significado do que foi a retirada forçada dos mais de 11 milhões de africanos escravizados nas Américas desde o século XV. Durante o período legal da comercialização, o Brasil chegou a escravizar aproximadamente 3,6 milhões de pessoas oriundas da África Ocidental e Central (HEYWOOD, 2008 pg.18).

“Os exportadores conseguiam adquirir refugiados capturados a preços tão baixos que lhes era possível tolerar os altos índices de mortalidade inevitáveis, decorrentes do processo de empregar estratégias marítimas para carregar grande quantidade de pessoas na prolongada travessia transatlântica.” (HEYWOOD, 2008 pg. 35).

Interpretando criticamente a respeito das “estratégias marítimas”, estas podem ser entendidas como as atividades de tráfico humano embasadas na exploração, tortura dos que chegaram; a perda dos que fugiam das capturas ainda em solo africano; e especificamente, aos que não resistiram durante o deslocamento das perversas embarcações em condições insalubres que transportavam esses indivíduos, os navios negreiros. A prática da escravização já acontecia dentro do território africano, mas foram as demandas transatlânticas que transformaram a perversidade desse comércio (PRANDI, 2010 pg. 19).

¹ Significado de acordo com o dicionário Michaelis.

Esse deslocamento de corpos, culturas, etnias, linguagens e laços afetivos é o cenário no qual o Brasil se constituiu por quase quatro séculos - trabalho escravo de negros diaspóricos, afrodescendentes e povos indígenas, que já habitavam o território.

Já no Brasil, a realocação da mão-de-obra escrava no território, estava de acordo com os interesses econômicos no período colonial e imperial. Em solo brasileiro, é possível fazer um reconhecimento geográfico das atividades econômicas, principalmente agrícola até metade do século XVIII. De acordo com a análise do sociólogo, Reginaldo Prandi, na Bahia e Sergipe foram reconhecidos campos de fumo e cacau, assim como a cana-de-açúcar em Pernambuco, Alagoas e Paraíba; a mão-de-obra foi imprescindível para o cultivo do algodão no Maranhão e Pará, e, em São Paulo, cana e o café. Após esse período, num salto histórico, a descoberta do ouro gerou um descolamento do tráfico para Minas Gerais ao que refere-se ao Ciclo do Ouro.

Nesse sentido, é importante destacar que durante esse período da história do país, houve luta e resistência por parte dos negros escravizados, encontrando na fuga - ou a tentativa dela - sua forma de protesto e posicionamento contra toda a brutalidade e crueldade ao qual foram submetidos nesse período, sendo até aquele momento, os únicos interessados em sua própria liberdade e direito de existir. Durante as fugas, individuais ou em grupo, procuravam estabelecer-se numa organização própria, dinâmica e culturalmente livre para manifestar sua linguagem, práticas e crenças. O formato dessas comunidades não eram inéditas no globo, como podemos compreender no trecho a seguir:

[...] o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil.” (MUNANGA, 1996, pg. 63)

Como afirma Munanga, o conceito de formação do quilombo é de origem africana, reafirmando a luta pela liberdade. Na região do Nordeste, “dos canaviais e

engenhos” se têm as primeira notícias da constituição dessas comunidades após as fugas, que atraíam cada vez mais escravizados (GOMES, 2015, pg. 12).

Em defesa da escravidão, continuava-se a repetir os velhos argumentos do Período Colonial. Dizia-se que a escravidão era benéfica para o negro pois o retirava da barbárie em que vivia para introduzi-lo no mundo cristão e civilizado (COSTA, 2008, pg. 19).

Após três séculos do regime escravocrata, as idéias revolucionárias francesas chegam ao Brasil e seus questionamentos acerca do comportamento fundamentado na religiosidade, invertem a lógica do pensamento com as convicções iluministas, confrontando os argumentos do Período Colonial.

A ideia da escravização como uma ferramenta que feria a humanidade, individualidade e liberdade desses indivíduos, foi a fagulha para a disseminação dos ideais abolicionistas de maneira mais tímida. Imatura para se tornar um movimento revolucionário naquele momento, mas o suficiente para levantar críticas e indagações em relação ao regime escravocrata. Os meandros dessas conexões co-existiam em meio a outros atores desse período, como a monarquia portuguesa, os ideais da independência nacional, a Igreja Católica, os fazendeiros e os negros e negras que nasceram em solo brasileiro.

Em meio aos discursos radicais, escravistas e “ilustradas” - europeus com ideias libertárias de passagem pelo Brasil (COSTA, 2008, pg. 16), para a compreensão da transição do Brasil escravista para o Brasil abolicionista é necessário compreender a importância das alianças do mercado internacional do Brasil, sobretudo a Inglaterra no período da independência brasileira, que tornou-se a principal demanda dos produtos agrícolas brasileiros, deixando o país à mercê de seus interesses.

Assim, a pressão internacional inglesa foi fundamental para coagir o Brasil a abolir o tráfico atlântico, uma vez que a Inglaterra já havia tornado ilegal a prática do tráfico. Dentre as estratégias, a frota inglesa passou a fiscalizar tentativas de trazer mais escravos do continente africano. Dessa forma, assimilar as transformações da narrativa da escravidão, bem como os interesses dos então fazendeiros brasileiros e elite burguesa nacional, é compreender que esta parte da nação, que nunca se opôs

contra a escravização, encontra-se obrigada a ceder aos interesses da Inglaterra e declarar oficialmente ilegal o tráfico em 1831. No entanto, o tráfico não finda neste momento, a lei criada foi desrespeitada incansavelmente já que de acordo com o pensamento escravista, o tráfico e a escravização de pessoas negras no Brasil era - um mal necessário - para a perseverança econômica do país.

Nesse período de transição e de reivindicações por parte dos fazendeiros que cinicamente declararam ser um assalto do Estado vigente - a abolição sem indenização, o contrabando e a impossibilidade da continuação do comércio pelo atlântico, o dinâmico comércio da escravidão promoveu o tráfico interno de negros escravizados (COSTA, 2008, pg. 36). Transversalmente neste período, em meio a pressão internacional e o abolicionismo como causa nobre e bem vista, um conjunto de leis determinaram o início da emancipação do negro do Brasil. A Lei Eusébio de Queiroz; Lei do Ventre Livre; Lei dos Sexagenários e por fim, a Lei Áurea em 13 de maio de 1888, sendo o Brasil o último país que participou do comércio e tráfico de escravos a abolir suas práticas.

Como posicionamento ideológico, a construção deste passado e o entendimento dos pormenores políticos, econômicos e sociais de forma crítica nesta interpretação, é intragável a romantização histórica acerca da figura da Princesa Isabel neste contexto.

Após a Lei do Ventre Livre, os fazendeiros preocupados com a continuidade das atividades econômicas sustentadas por mão-de-obra escrava, enxergaram na imigração a oportunidade de “normalizar” seus rendimentos. Incentivando assim o deslocamento de mão-de-obra européia, para atuar em condições de trabalhos exaustivas. Entretanto, as condições de trabalho exaustivo e artifícios contra a população negra não acabaram após a Lei Áurea:

A princípio, temeroso da falta de braços, Paula Souza contratara alguns deles que agora trabalhavam na lavoura de café e viviam nas antigas senzalas onde a única mudança era a ausência de um cadeado. Paula Souza descobrira que não tinha mais de vestir e alimentar seus escravos. Agora ele lhes vendia os suprimentos, até mesmo o leite e a couve que consumiam. Isso explicava ele, não era por ganância, mas visava a ensinar aos ex-escravos o valor do trabalho. (COSTA, 2008, pg. 135).

De acordo com a obra *A abolição* de Emília Costa “entre a miséria e a opressão”, era a condição do negro recém-liberto naquele contexto. Em nenhuma

instância, a dinâmica social reorganizada após a Lei Áurea se articulou para incluir os novos homens e mulheres livres como cidadãos. A exemplificação deste fato, pode ser compreendida no contexto do recém instaurado Brasil República em 1889, quando o governo não permitiu direito ao voto aos analfabetos, excluindo a maioria dos ex-escravos do exercício da sua cidadania.

Portanto, com esse embasamento, é compreensível que desde a travessia do atlântico manifesta-se por consequência, uma redefinição da identidade dos africanos presentes em solo brasileiro. Para estes indivíduos, repensar como se inserir no novo espaço, com novos conhecimentos adquiridos e a mudança forçada da narrativa do seu futuro. A sequência geracional desses novos significados concebeu o que é hoje a população negra nacional com ascendência africana, o afro-brasileiro.

1.2 Os afro-brasileiros

Cada perífrase histórica da diáspora, escravização e abolição, é a circunstância na qual se agrupa o principal objeto deste estudo, sendo assim, entende-se o conceito de afro-brasileiro

[...] por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e lingüística, religiosa e cultural. (DUARTE, 2014, pg. 264)

As nuances do ínterim entre as primeiras reflexões abolicionistas e a Lei Áurea, deixam os rastros da pista de como o afro-brasileiro foi inserido na sociedade - e neste caso - ele não foi. A consequência, foi o esvanecimento da consciência racial e o embranquecimento das causas. Diferentemente da transição em outros países marcadas por guerra civis e homens negros e brancos armados de lados opostos.

A construção da identidade do afro-brasileiro fica sujeita a história que permitiram ser contada. Na obra *De africano a afro-brasileiro* de (PRANDI, 2010, pg. 23) encontra-se um triste indício do que ficou-se reservado no trecho “a identidade da origem podia simplesmente estar referida ao porto de embarque” quando elucidada a dificuldade dos próprios descendentes em tentar reconstruir seu passado com

informações de seus familiares. Na mesma obra, Prandi mostra a intervenção da Coroa Portuguesa na tentativa de apagar suas memórias:

A polícia oficial da Coroa também foi responsável por apagar os registros identitários e origens culturais dos indivíduos escravizados, a fim de evitar agrupamentos e laços afetivos (PRANDI, 2010, pg. 23).

O apagamento dessa identidade e a não inclusão, trouxeram consequências irreparáveis para a população afro-brasileira. Em 2017, O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizou uma pesquisa intitulada *Atlas da Violência*, o capítulo dedicado ao homicídios da população afro-brasileira revela que a cada 100 pessoas que sofreram homicídio, 71 são negras.

“[...] o cidadão negro possui chances 23,5% maiores de sofrer assassinato em relação a cidadãos de outras raças/cores, já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência.” (IPEA, 2017, pg. 30)

De acordo com o Sistema de Informações Penitenciárias (INFOPEN) de 2016 foi feita a comparação da porcentagem do quesito cor ou raça da população brasileira com a da população prisional. De acordo com os resultados, 54% da população se declarou negra, e, aproximadamente 63% da população prisional também é negra. O sistema usou sua classificação conforme proposta pelo IBGE no censos, onde a soma das categorias “preta” e “parda” classifica-se como negra.

Além disso, de acordo com o PNAD Contínua (Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios Contínua), realizado no 4º trimestre de 2016, nos indicadores de características da força de trabalho por cor ou raça, em relação a renda média real de brasileiros ocupados, o rendimento das pessoas declaradas pardas ou pretas correspondiam respectivamente a 55,6% e 54,9% do rendimento dos brancos (IBGE, 2016, pg. 06). Os números relacionados a representação midiática, empregabilidade, autores negros, acesso ao ensino superior são igualmente alarmantes, apontando as consequências e reflexos da não inclusão do negro como cidadão historicamente.

1.2.1 As afro-brasileiras

É igualmente importante, além do recorte de raça e classe entender como esses

dados se interseccionam com gênero, ou seja, como eles afetam as mulheres negras brasileiras. Desde a exploração sexual no período colonial (NASCIMENTO, 1978, p. 84), as afro-brasileiras encontram-se em números alarmantes como grupo socialmente vulnerável.

O assassinato de mulheres por sua condição de gênero, o feminicídio, afeta principalmente as mulheres negras. No mesmo raciocínio, a violência doméstica, a mortalidade materna², e as vítimas de abortos clandestinos³ também indicam a vulnerabilidade desse grupo. O *Atlas da Violência* evidencia o fenômeno estatisticamente colocando que

É necessário destacar, no entanto, que estes dados guardam diferenças significativas se compararmos as mortes de mulheres negras e não negras. Enquanto a mortalidade de mulheres não negras teve uma redução de 7,4% entre 2005 e 2015, atingindo 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres não negras – ou seja, abaixo da média nacional –, a mortalidade de mulheres negras observou um aumento de 22% no mesmo período, chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras, acima da média nacional. (IPEA, 2017, pg. 37)

A discriminação pela raça, coloca homens e mulheres negros numa pirâmide social, abaixo de homens e mulheres brancas (RIBEIRO, 2017, pg. 38-44), entretanto, quando se inclui o recorte do gênero, a mulher negra está então na base da pirâmide social, que de baixo pra cima segue o homem negro, a mulher branca e por fim o homem branco no topo da pirâmide social. E desta maneira, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. (DAVIS, 2018, pg. 09)⁴.

² Mortalidade materna é maior entre as mulheres negras, “[...] o número de mortes maternas provocadas por intercorrências vem diminuindo entre as mulheres brancas e aumentando entre as negras”. Dados reconhecidos pelo Ministério da Saúde publicizados em Rádio Reportagem da Câmara dos Deputados. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/RADIOAGENCIA/489786-MORTALIDADE-MATERNA-ENTRE-NEGRAS-AUMENTOU-NO-BRASIL.htm> > Acesso em: 27 set. 2018

³ “Por aborto, a morte de mulheres brancas caiu de 39 para 15 por 100 mil partos. Entre negras, aumentou de 34 para 51 [...] Quem mais morre por aborto no Brasil são mulheres negras, jovens, solteiras e com até o Ensino Fundamental.” Dados estimados pelo Ministério da Saúde publicizados em reportagem do COFEN (Conselho Federal de Enfermagem). Disponível em <http://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude_64714.html> Acesso em: 27 set. 2018.

⁴ Angela Davis em encontro internacional no estado da Bahia, cuja frase prestigiada encontra-se no prefácio da edição brasileira do seu livro *A liberdade é uma luta constante*, escrito por Angela Figueiredo. DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

Entender essas questões é fundamental para desvelar em quais condições sociais está a população negra brasileira, e, as barreiras sociais de acesso para alcançar as mesmas oportunidades e condições de existir, para desfrutar da sua condição cidadã e humana.

1.3 O racismo no Brasil

De acordo com o Código Penal Brasileiro, no artigo 20 da Lei do Crime Racial - Lei 7716/89 (BRASIL, 1989), consta como crime “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional “ desde 05 de janeiro de 1980. Ainda percorrendo o Código Penal, é possível concluir a partir do artigo 140 parágrafo três, o ato da injúria racial que confere a ofensa à dignidade usando elementos como raça, cor, etnia, religião ou origem, inserido no Decreto Lei nº 2.4848 de 07 de Dezembro de 1940 (BRASIL, 1940).

Dessa maneira, a principal diferença entre as duas transgressões seria a injúria um ato direcionado a um indivíduo e racismo à um grupo social, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). É importante destacar que, em ambos os casos, são crimes inafiançáveis e com pena de reclusão de um a três anos e multa, sendo ainda o racismo crime imprescritível.

Entendendo o racismo como um conjunto de ideais que inferioriza um grupo social estruturado no preconceito racial, nos conduz à indagação: por que a raça seria o fator de distinção, uma vez que os estudos científicos fundamentaram a impossibilidade das teses de inferioridade ou superioridade pautadas nessa especificidade biológica? (MUNANGA, 2017, pg. 33).

Fundamentado nas considerações de um dos especialistas em antropologia da população afro-brasileira, Munanga, menciona que essa afirmação científica não é o suficiente para que as pessoas “abram mão de suas crenças racistas”. É sabido que o preconceito racial, lamentavelmente aconteceu não só nas Américas, justificada sobre os mais ínfimos argumentos.

Uma pesquisa⁵ sobre racismo realizada pela Folha de S. Paulo e coordenada pela historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz na década de 90, revela o mais o mais recôndito do brasileiro. Segundo os dados, 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito, entretanto, ao serem perguntados se conheciam pessoas e situações que revelavam a discriminação racial no país, 98% afirmaram que “sim”. E diante do resultado, afirma a antropóloga “A conclusão informal era que todo brasileiro parece se sentir como uma ‘ilha de democracia racial’, cercado de racistas por todos os lados”. (SCHWARCZ, 2007, pg. 12). Essa constatação assustadora, ainda perpetua o cotidiano dos negros e negras do país que vivem as consequências irreparáveis de sua história até aqui, apesar do brasileiro não enxergar-se racista pode-se fazer refletir “[...] se os intelectuais, jornalistas e políticos não sabem distinguir os negros dos demais brasileiros, evidencia-se que os policiais ou zeladores do prédios nunca tiveram dificuldade” (MUNANGA, 2017, pg. 41). No trecho, o antropólogo congolês, indica a dissimulação da existência do racismo e faz a alusão a violência institucional enfrentada pela população negra no país.

A estrutura do racismo no Brasil se estabeleceu diferente do que em outras partes do mundo, e, muito se deve a ideia de que o país vive uma “pura harmonia racial” (CUTI, 2017, pg. 207) onde todas as pessoas, de todas as cores, conviviam harmonicamente e que a discriminação seria impossível, devido a dimensão astronômica da miscigenação no Brasil, ideia também conhecida como o mito da democracia racial.

O processo de miscigenação, fundamentado na exploração sexual da mulher negra, foi erguido como um fenômeno de puro e simples genocídio. O “problema” seria resolvido pela eliminação da população afrodescendente. Com o crescimento da população mulata, a raça negra iria desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país. (NASCIMENTO, 1978, p. 84)

Na obra *O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado*, 1978, Abdias Nascimento elucida mais um subterfúgio do racismo. A gênese da propagação miscigenação e o embranquecimento da população negra,

⁵ Pesquisa intitulada *Racismo Cordial*, foi impressa pelo Almanaque da Folha de São Paulo em 1995. A reportagem datada continha um questionário no sistema de pontuação para que o leitor conferisse a dimensão das expressões e crenças racistas inseridas no cotidiano brasileiro. Ver Anexo A.

que constituiu-se sob o estupro de mulheres negras e a projeção de um país menos negro, ou seja, miscigenado.

Acompanhar as mudanças e definições nas aplicações do censo da população realizada pelo IBGE, exemplifica o assunto e revela a dificuldade da compreensão racial do afro-brasileiro, sustentado pelo conceito de miscigenação.

Para ilustrar, no ano de 1900, apenas doze anos após a Lei Áurea, diante da constatação que o Brasil então era majoritariamente mestiço, foi retirado o quesito cor do questionário. Após muitos meandros nos censos seguintes, como a inserção de “pardos e índios” no ano de 1976, foi realizada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, na qual o pesquisado determinava a cor. O resultado do PNAD revelou um total de 136 cores distintas (SCHWARCZ, 2017, pg. 104-108). Listada em ordem alfabética, alguns conjuntos apresentavam uma recorrência de embranquecimento. Inconsciente ou não, o agrupamento de cores como “quase-negra, puxa ‘pra’ branca, meio-preta, cor de canela” e tantas outras, mostram uma tentativa de acertar precisamente a cor, que, para designar a própria identidade, foi escolhida uma outra palavra que não fosse negro ou negra.

É interessante aqui, destacar a pesquisa profunda de Luiz Silva de pseudônimo CUTI, que revela que do ponto de vista linguístico a palavra negra incomoda, porque “é a única do léxico que, empregada para caracterizar organização humana não isenta o racismo” (CUTI, 2017, pg. 202).

O fato da conjuntura histórica abolicionista não ter sido marcada por uma guerra civil entre brancos e negros, também tem grande responsabilidade sobre esse imaginário, já que, em outros países, haviam leis que de fato constataram uma discriminação institucional, como o *apartheid* na África do Sul e *Jim Crow Laws*⁶ no sul dos Estados Unidos da América.

Como bem coloca Florestan Fernandes “o brasileiro não evita, mas tem vergonha de ter preconceito” e esse “preconceito do preconceito” (FERNANDES,

⁶ As leis de Jim Crow foram leis estadunidenses da região sul que tornavam institucional a segregação racial de brancos e afro-americanos. A palavra *crow*, que em tradução livre significa corvo, é como os negros escravizados eram zombados. Ver em Tischauser, L. V. *Jim Crow Laws*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2012.

1972, p. 42) culmina no que vivenciamos. O racismo à brasileira⁷ impede que as manifestações mais indiretas e sorrateiras do racismo sejam combatidas e acaba por dificultar a consciência racial do afro-brasileiro.

Dessa maneira, o futuro desses desdobramentos em meio a discriminação gerou desigualdades que impediu os acessos à educação, emprego e condições de de forma equânime. Estas circunstâncias são evidentes analisando a concentração da população negra em camadas mais pobres e vulneráveis socialmente, que por muito tempo ascendeu posições na mobilidade social com pouca frequência e de maneira limitada.

⁷ Expressão popular para referir-se a peculiaridade do racismo velado no Brasil. Obras importantes que cunharam este termo: TELLES, E. Racismo à Brasileira: Uma Nova Perspectiva Sociológica. Riode Janeiro, Relume-Dumará, 2003; DA MATTA, Roberto. Notas sobre o racismo à brasileira. In: SOUZA, Jessé (org.). Multiculturalismo e racismo. Brasília: Paralelo, 1997.

Capítulo 2 - Mobilidade social e o consumo da viagem

*“Foi numa roda de samba
Que eu juntei-me aos bambas”
Dona Ivone Lara*

O capítulo *A mobilidade social e a viagem* desta monografia, tem por objetivo expor brevemente o conteúdo acerca da paulatina mobilidade social da população afro-brasileira e a recente oportunidade de consumir viagens.

2.1 A mobilidade social da população negra no Brasil

A mobilidade social é um conceito fundamental para dialogar a respeito sobre a relação da população negra com o consumo de bens e serviços, inclusive o turismo. Podemos definir mobilidade social como a possibilidade dos indivíduos transitarem pelas classes sociais, verticalmente, seja em movimento ascendente ou descendente (PASTORE, 1979, pg. 04). Por consequência das barreiras socioeconômicas e políticas existentes como indivíduo livre, o cidadão afro-brasileiro após a escravatura tardou para alcançar números otimistas em relação a mobilidade social.

Entretanto, algumas correntes teóricas colaboraram para o atraso do entendimento da mobilidade social, como por exemplos, pelos estudos no estado da Bahia realizada pelo estadunidense Donald Pierson. Fora de contexto, o sociólogo afirmou que não existia grande preconceito enquanto raça, mas que sobretudo o preconceito era proveniente de classes (PIERSON, 1945, pg. 402). Esta corrente teórica que exclui gravemente o contexto histórico da formação da população afro-brasileiro ganhou popularidade e por muito tempo, entendia essa afirmação como verdadeira. Para contrariar essa corrente pode-se refletir que, se existe somente o preconceito entre classes, em classes que ocupam indivíduos brancos e negros não deveria existir o preconceito racial, mas ele existe.

Lucidamente, os estudos de Carlos Hasenbalg, Nelson do Valle Silva e Márcia Lima relacionando as questões raciais à mobilidade social e estratificação social seguem na corrente teórica da importância da discussão como as produções

(HASENBALG e SILVA, 1988); (HASENBALG, 1988); (HASENBALG, SILVA e LIMA, 1999). Em *Classe, Raça Mobilidade e Social no Brasil*, Carlos Ribeiro didaticamente resume a corrente pesquisada por estes autores:

[...] a discriminação racial continuaria sendo um importante fator de estratificação social na sociedade brasileira mesmo com a expansão da sociedade de classes advinda da industrialização. Esta quarta hipótese, portanto, previa que: haveria desigualdade nas chances de mobilidade social entre brancos e não-brancos (pretos e pardos) independentemente de sua classe de origem (RIBEIRO, 2006, pg.837).

A oportunidade de mobilidade social está diretamente relacionada à possibilidade de acesso à educação, uma vez que a qualificação acadêmica contribui para ocupações e cargos de maior relevância e remuneração. Dessa forma, pode-se absorver o trecho da obra *Desigualdade e Mobilidade social* onde sucintamente compreendemos que “[...] mobilidade depende de ocupação e de cargo. Antes de tudo, porém, mobilidade depende de emprego” (PASTORE, 1979, pg. 11).

Entendendo essa linha de raciocínio, as estatísticas corroboram essas reflexões. De acordo com PNAD Contínua 2016 (IBGE, 2018), a taxa de analfabetismo correspondiam 4,2% e 9,9% para brancos e pretos/pardos, respectivamente. A mesma instituição analisou que no quarto trimestre de 2017, a taxa de desocupação⁸ correspondeu a 9,5% para brancos, 14,5% para pardos e 13,6% para pretos. Discorrendo sobre os fatores estruturais da mobilidade, segundo José Pastore, podemos considerar duas espécies de fatores: os atribuídos, como a educação e experiência; e adquiridos tal como conjuntura familiar e cor. Para esta afirmação ainda, o autor insere uma nota de rodapé, onde coloca que

Até pouco tempo a literatura sociológica insistia em ser a cor um fator de pouca importância na determinação das desigualdades sociais no Brasil. Segundo essa raça. Um trabalhador recente mostra que a cor em si constitui um claro fator de discriminação social no Brasil (PASTORE, 1979, pg. 12).

Entendendo a afirmação de Pastore como um fragmento dentre as correntes sociológicas possíveis acerca do tema, assimilar a oportunidade da ascensão da

⁸ Taxa de desocupação, segundo o IBGE, é o percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas na força de trabalho: [desocupados/força de trabalho] x 100.

população negra, é também compreender o contexto político a partir do ano de 2003. As iniciativas sociais e aproximações com os temas pautados pelas classe de baixa renda, negra, desencadeou uma progressiva conjuntura favorável a esse grupo socialmente vulnerável. Período governado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (filiado ao Partido dos Trabalhadores), as medidas como a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR); Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR) em 2009; a inclusão da História e da cultura afro-brasileira no currículo das escolas públicas; e os esforços em conjunto dos órgãos para popularizar o sistema de cotas (STOCKLER, 2016, pg. 28-30). O movimento e engajamento político e social adjacente ao movimento negro, proporcionou o acesso à educação e fomento de novas possibilidades e perspectivas para a população afro-brasileira.

Entendendo ainda a mobilidade e sua relação com o *status* social, Weber afirma: “a honra de *status* normalmente se expressa pelo fato de, acima de tudo, por esperar-se um estilo de vida específico por parte de todos os que desejam pertencer ao círculo” (WEBER, 1973, pg. 72).

O autor alemão afirma ainda que, a relação do *status* social está estritamente condicionado ao econômico, dessa forma é possível estabelecer um elo direto com a atmosfera de prestígio que atribui-se ao ato de viajar, que sendo a priori relacionada com grande poder aquisitivo, instantaneamente exclui as classes de baixa renda familiar do consumo de bens e serviços, ou pelo menos espera-se.

2.2 A viagem como consumo

A interpretação sobre o turismo, a viagem e o consumo podem ter olhares diversas. É possível assimilar o turismo, da perspectiva da geografia, como atividade que pelo carácter transcendental aos territórios e redes, é consumidora do espaço (PAIVA, 2012, pg. 1021). Oferecendo a experiência em uma outra localidade diferente do habitual para fins de lazer e/ou negócios num espaço de tempo determinado.

Além disso, podemos compreender o turismo do ponto de vista econômico, que se caracteriza pelo entendimento de um conjunto de bens e prestações de serviços a serem consumidos. Para tanto, este produto turístico, mesmo inserido em uma esfera ampla, pode ser assimilado completamente ou parcialmente pelo consumidor, o turista. (RUSCHMANN, 1995, 26-30). Nos estudos e pesquisas de informação econômica do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MP) com o IBGE, realizaram um estudo específico sobre a economia do turismo:

A análise econômica do turismo faz-se, principalmente, a partir da mensuração dos produtos (bens e serviços) que os visitantes consomem durante suas viagens. [...] entre os bens e serviços consumidos pelos visitantes, destacam-se o alojamento, o transporte, a alimentação e o entretenimento, os quais, em um sentido amplo, podem ser considerados como característicos do turismo (IBGE, 2006, pg. 7-8)

Para a narrativa construída neste estudo, partimos do ponto de vista econômico que compreendemos a viagem em si, uma vez que entende-se o turismo inserido no setor de bens e serviços.

O consumo da viagem, assim como de outros produtos difere-se pelo consumidor, que em sua pluralidade opta por diferentes formatações do produto turístico, assim como as motivações individuais que interferem na escolha.

De acordo com Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), numa pesquisa realizada para compreender as maiores motivações de compra da população brasileira, as viagens nacionais e internacionais se mostram em evidência, ocupando surpreendentes 35,5% do total de sonhos de consumo citados (SPC, 2015, pg. 02).

As diferenciações do consumo transformam-se também dentro das classes sociais, entendendo a construção da viagem com várias etapas de planejamento, é relevante também inserir a dificuldade do brasileiro em se planejar financeiramente para atingir seus objetivos pessoais. Segundo pesquisa⁹ realizada pelo Banco Central em 2017, “A pergunta sobre fazer orçamento doméstico ou familiar mostra que a maioria dos respondentes (56%) não o faz”, as informações pertencem a Série Cidadania financeira do Banco Central do Brasil.

⁹ Série Cidadania Financeira: estudos sobre educação, proteção e inclusão / Banco Central do Brasil. 5. ed. Brasília: Banco Central do Brasil, 2017. 45p. Il. Nota: n. 5. Competências em educação financeira: descrição de resultados da pesquisa da Rede Internacional de Educação Financeira adaptada e aplicada no Brasil: novembro de 2017 : data-base dezembro 2016. Disponível em <https://www.bcb.gov.br/nor/reincfin/serie_cidadania_financeira_pesquisa_infe_br_%200443_2017.pdf> Acesso em 15 out 2018.

Através da mobilidade social e o aumento do poder de consumo, é evidente que a viagem estará na lista dos itens desejados por todas as classes sociais. Entretanto, uma vez que a maioria da população, que é negra e pobre, demanda por infraestrutura básica, educação e enfrenta a discriminação racial, a viagem se distancia desse público. Dessa maneira, entendendo o contexto político e socioeconômico dessas transformações, é essencial destacar o recorte temporal dessas transições a partir dos anos 2000, considerando o período político conhecido por alguns avanços em relação à políticas públicas para esta parte da população.

Todavia, diante de projetos de governos com propostas de diminuir a desigualdade a ascensão das classes D e E¹⁰ gradualmente, têm realizado o sonho de viajar pelo país e pelo mundo. Uma vez que essas classes conseguem suprir as suas necessidades mais básicas e dispõe de um cenário favorável, elas podem só então, usufruir do seu tempo livre.

2.3 Os viajantes da classe C e D

Tradicionalmente, as classes econômicas, são divididas de acordo com o respectivo valor a partir do rendimento familiar *per capita*. Dessa maneira, as classes C e D¹¹ representam as classes mais baixas, e são essas classes as protagonistas dos estudos das últimas duas décadas. As especificidades e os interesses em compreender as motivações e detalhes do perfil desse viajante, conduziram ao Ministério do Turismo a publicar o relatório intitulado *Classes C e D, um novo mercado para para o turismo brasileiro: relatório final: análise de dados da pesquisa quantitativa e qualitativa*.

¹⁰ As classes C, D e E são, de acordo com os parâmetros governamentais brasileiros, são as camadas com a renda familiar mais baixa.

¹¹ Segundo Centro de Política Social da FGV Social, A faixa de renda familiar das classes é expressa da seguinte maneira: Classe A, a partir de R\$11.262; Classe B de R\$ 8.641a R\$ 11.261; Classe C de R\$ 2.005 a R\$ 8.640; Classe D de R\$ 1.255 a R\$ R\$ 2.004; Classe E de 0 a R\$ 1.254. Disponível em<<https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>>. Acesso em 15 nov. 2018.

No ano de 2012, uma notícia intitulada “Uma classe média mais negra”, narra as disparidades entre as estatísticas do passado em relação a população negra e o consumo, durante a reportagem podemos destacar que

A ascensão dos negros é um dos fenômenos mais importantes da nova classe média. Agora, eles são mais da metade dos integrantes dessa faixa social que há dez anos era 38% da população e hoje chega a 53%, ou 104 milhões de pessoas. É um grupo que detém uma massa de renda de R\$ 680 bilhões. Desse total, R\$ 352,9 bilhões são rendimentos de negros, quase o dobro do que os R\$ 158,1 bilhões verificados há uma década. “A população negra era maioria absoluta da classe D e com a diminuição da desigualdade nos últimos anos é natural que ela tenha alcançado melhorias econômicas mais substanciais”, diz Renato Meirelles, sócio-diretor do Instituto de Pesquisas Data Popular, que subsidiou a pesquisa da SAE(REVISTA ISTO É, 2012).

Assimilar que as classes mais baixas são majoritariamente negras, contribui para uma análise consciente de que os viajantes afro-brasileiros estão viajando mais.

Tabela 1 - Despesa Familiar Mensal com Viagens por UF e Grupo de Renda.

Tipos de despesa e características das famílias	Despesa monetária e não-monetária média mensal familiar (R\$)										
	Total	Classes de rendimento monetário e não-monetário mensal familiar:									
		Até 2 sm	2 a 3 sm	3 a 5 sm	5 a 6 sm	6 a 8 sm	8 a 10 sm	10 a 15 sm	15 a 20 sm	20 a 30 sm	30 sm e +
BRASIL	22,96	3,97	5,77	8,26	10,83	14,47	20,26	27,37	44,85	69,38	158,68
NORTE											
Acre	16,10	2,12	5,38	7,73	2,21	21,56	8,49	85,04	26,84	64,66	157,66
Amapá	12,30	3,49	4,09	7,91	15,40	3,56	23,81	38,70	29,18	24,67	22,00
Amazonas	24,85	11,85	14,45	4,64	29,75	5,35	9,27	22,50	21,94	50,53	478,01
Pará	11,96	2,97	4,99	7,42	11,87	13,33	35,49	16,33	37,70	57,64	45,02
Rondônia	29,43	10,41	11,27	12,24	31,88	26,21	18,82	46,93	78,68	68,55	183,96
Roraima	26,30	12,26	9,13	8,95	22,53	22,08	57,56	25,32	124,60	42,13	184,90
Tocantins	21,95	5,58	14,26	18,28	27,73	25,63	44,92	50,18	65,18	139,74	162,99
NORDESTE											
Alagoas	15,49	2,65	3,55	10,00	10,50	17,37	17,42	48,98	37,01	50,27	332,01
Bahia	21,53	4,59	8,05	12,42	13,15	17,86	30,26	30,09	54,28	80,02	267,42
Ceará	14,68	3,37	5,75	6,68	16,16	14,29	20,28	26,69	50,25	62,95	172,65
Maranhão	9,18	3,46	4,93	8,93	11,83	16,48	13,02	26,34	30,97	71,77	82,44
Paraíba	8,20	1,98	3,26	8,46	8,48	9,60	30,48	23,34	26,60	46,66	74,88
Pernambuco	10,69	2,87	4,05	4,88	6,21	13,11	12,61	32,70	35,20	65,41	115,87
Piauí	19,32	7,67	9,81	17,62	17,56	21,27	29,37	44,90	52,25	199,66	119,80
Rio Grande do Norte	12,67	2,48	4,16	5,69	5,84	17,37	18,92	17,39	74,67	32,35	167,70
Sergipe	15,36	3,97	4,07	9,21	18,09	10,68	51,89	54,07	62,57	62,46	149,31
CENTRO-OESTE											
Distrito Federal	58,50	3,45	10,19	17,80	28,94	19,40	14,43	29,36	44,60	83,71	228,40
Goiás	20,26	4,49	10,23	10,19	17,98	23,48	17,34	19,76	67,01	76,54	134,90
Mato Grosso	22,19	3,46	9,96	10,88	18,42	23,31	32,93	36,36	49,61	71,60	195,38
Mato Grosso do Sul	17,79	2,72	3,87	7,52	12,53	12,03	20,31	27,28	36,10	105,60	131,75
SUDESTE											
Espírito Santo	30,78	5,49	4,15	10,54	12,03	13,12	20,82	61,30	41,99	139,89	164,96
Minas Gerais	26,14	5,22	7,73	9,61	13,25	16,96	28,04	34,99	61,56	80,76	158,87
Rio de Janeiro	25,37	0,30	3,80	3,46	4,89	7,66	9,29	13,01	16,62	85,91	162,92
São Paulo	27,11	3,76	2,76	7,08	8,87	11,50	18,43	22,20	45,70	54,64	139,54
SUL											
Paraná	26,50	3,14	6,34	9,14	7,64	18,10	21,82	32,12	44,56	73,72	185,22
Rio Grande do Sul	26,60	4,95	4,78	9,37	10,33	21,88	23,07	38,42	48,85	84,50	123,05
Santa Catarina	19,01	3,57	1,94	6,32	7,51	10,32	13,68	25,00	38,89	42,49	140,06

Fonte: IBGE, Pesquisa de Orçamento Familiar, 2002-2003.

A tabela acima faz parte do estudo citado do MTur, que destaca decompondo as regiões por estado e despesa familiar mensal com viagens, de acordo com a pesquisa realizada “São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Paraná respondiam por 2,2 bilhões de reais em gastos com Turismo Social em 2003, ou 57% do consumo total”.

O grupo gastou aproximadamente 3,8 bilhões de reais em viagens no ano de 2003. O número significativo causou o interesse econômico do mercado que entendeu este público como potencial consumidor do setor de viagens e lazer.

A análise do comportamento deste consumidor revela as particularidades no processo de elaboração da viagem em relação a forma de pagamento, onde o pagamento à vista representa 92% dos casos e organização da viagem por grupos independentes e informais (TELES, 2015, pg. 51-55).

A interpretação dos anseios dos viajantes da classe C e D, tornou possível a realização de viajar de avião pela primeira vez com o ascendente salário mínimo, maiores oportunidades de crédito e políticas públicas favoráveis ao consumo de viagens. O contexto político e econômico desses viajantes é analisado no estudo *Turismo e Inserção Internacional: um foco no governo Lula (2003-2010)* por Reinaldo Teles, em sua tese de livre-docência. Entender a narrativa até este ponto, simboliza a compreensão da resistência e a intersecção de uma conjuntura favorável socioeconomicamente, que permitiu a população afro-brasileira ter acesso a estes itens.

A somatória da possibilidade mínima de mobilidade social e o início do acesso à educação e emprego, com o auxílio de políticas públicas, chegaram até o consumo de viagens para as classes majoritariamente negras C e D. Além disso, também adiciona-se um aspecto que tanto causou inquietação no período escravocrata para os que tinham interesse em desarticular os negros escravizados: a percepção do grupo não só enquanto classe social condicionada pelo poder econômico, mas de quem quer entender o significado da sua etnicidade. A consequência dessa compreensão, impulsiona o grupo a entender-se como próprio poder de transformação enquanto comunidade, atuante em favor da luta de pautas que os atravessa igualmente, tornando esse movimento de idéias e corpos um movimento negro.

Capítulo 3 - Movimento e comunidade: ideias negras, corpos negros

"Impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la."

Djamila Ribeiro

O intuito deste capítulo, é abordar a continuidade da trajetória do afro-brasileiro em uma narrativa além da diáspora. Investigar os fatores agentes da sua emancipação para além da existência, inserindo novos diálogos acerca de sua emancipação política, estética, econômica e os ressignificados do usufruto do seu tempo livre durante a experiência de viajar sendo negro ou negra.

3.1 A influência do movimento negro na autoestima afro-brasileira

A perspectiva da união dos afro-brasileiros em prol da vulnerabilidade do grupo e protagonista das suas reivindicações sociais, fazem parte da narrativa a ser construída e entender as influências socioculturais do viajante afro-brasileiro.

Paralelo a industrialização e sinuosidades políticas, durante o período conhecido como Brasil República em 1889, um ano depois do marco abolicionista, os negros que já não eram mais escravizados, conseguiriam se agrupar e mobilizar socialmente em prol da pauta racial (DOMINGUES, 2007, pg. 100-122). Durante as especificidades políticas nesse período surgiram numerosas organizações por todo o país, por homens e mulheres que se organizaram politicamente a favor do movimento negro. É significativo destacar algumas organizações dentre as muitas agremiações que se formaram neste íterim, tais quais a Frente Nacional Brasileira (FNB), o Teatro Experimental Negro (TEN) e o Movimento Negro Unificado (MNU) que segundo consta

No Programa de Ação, de 1982, o MNU defendia as seguintes reivindicações "mínimas": desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país. (DOMINGUES, 2007, pg. 112).

Embora existam similaridades e disparidades entre as organizações, e, neste conjunto, diferentes graus de visibilidade e influência, ao longo da ditadura-militar, a

articulação negra até então construída foi desmobilizada (GONZALEZ, 1982, pg. 30). Além da dificuldade da própria mobilização em si e o esvaziamento de movimentos anteriores a este período, a ditadura e o isolamento político comprometeram de forma ativa a luta contra o racismo e a hegemonia branca e conservadora (CUNHA JR, 1992, pg. 65).

Após a retomada das articulações no período pós-ditadura, a terceira fase do movimento negro marcado de 1978 a 2000, segundo o historiador Cunha Júnior, teve seus novos embasamentos não só na continuidade do combate ao preconceito racial, mas da valorização dos elementos culturais de ascendência africana. Assim como, o movimento absorveu inspirações ideológicas em lideranças estadunidenses como *Martin Luther King*, *Malcon X* e a *organização Black Panther Party*, além disso, também entusiasmado pelos movimentos libertários dos países lusófonos do continente africano.

Essa celebração da negritude e seu resgate da auto-estima cultural, estética e religiosa, estende-se até a mudança de data celebrada, trocando a data da assinatura da Lei Áurea (13 de maio) pelo presumível dia da morte de Zumbi dos Palmares (20 de novembro), figura simbólica no debate racial. Da mesma maneira, transformou na auto-identificação, não mais identificando-se com a expressão “homem de cor” ou “mulher de cor”, para dar espaço e ênfase ao termo negro, e, segundo o quadro dos apontamentos históricos de Petrônio, posteriormente os termos afro-brasileiro e afrodescendente.

O enaltecimento dos símbolos da ancestralidade negra, tem papel fundamental na compreensão dos desdobramentos dessas influências nas construções e relações dos afro-brasileiro, influência arraigada nas suas experiências sociais, tal como a viagem.

Entendendo o percurso até este momento, a fusão entre a ascendente mobilidade social da população afro-brasileira e suas novas demandas por consumo e valorização da sua ancestralidade, somado ao aumento da capacidade intelectual através do acesso à educação, não poderia construir outro caminho a não ser um

potente grupo que além da estética, se interessa por consumir e produzir ideais dos atores desse grupo.

3.2 O afroconsumo: um novo conceito

O afroconsumo pode ser definido como a compreensão do comportamento de consumo através da perspectiva do recorte étnico-racial. O termo recente, foi cunhado pela *Think Etnus* consultoria que se posiciona como “A primeira empresa brasileira especializada no estudo do comportamento e dos hábitos de consumo da população negra”. A empresa identificou um gargalo específico da relação do consumidor afro-brasileiro, o “afroconsumidor”, e suas necessidades específicas no campo da publicidade e das marcas.

Através de uma pesquisa com metodologia própria, a empresa idealizada por Fernando Montenegro identifica que os afro-brasileiros movimentam cerca de R\$ 800 bilhões por ano. Embasado nos pilares que além do afroconsumo se sustenta pela afrolinguagem, atentando-se a forma que essas pessoas querem ser representadas, e, a afrotendência, interpretando essas informações e identificando tendências. Dessa forma, a consultoria se tornou especialista na análise do hábito e comportamento do afroconsumidor.

De acordo com o Instituto Data Popular, a maioria da classe C, que é majoritariamente negra, movimenta aproximadamente R\$713 bilhões ao ano. A pesquisa revela que há uma demanda progressiva, entretanto, uma oferta deficiente de produtos e serviços para este público, segundo análise de Djamila Ribeiro (Revista Carta Capital, 2015).

Representar a população afro-brasileira, que é maioria, ainda está sendo desbravado pelas grandes corporações que por muito tempo reproduziram a narrativa e estética eurocêntrica. Essas transformações que afetam as estruturas de poder que oprimem a população negra é um movimento na tentativa de atenuar as desigualdades.

3.3 O que é *Black Money*?

Entender a realidade do consumo da população afro-brasileira é também compreender movimentações além das fronteiras do país. Dialogando no mesmo universo, um conceito relevante para compreender a dimensão dos cenários econômicos é o movimento conhecido como *black money*.

O black money pode ser entendido como um ecossistema de produção e consumo de pessoas negras para pessoas negras. Disseminado popularmente nos Estados Unidos dentro do contexto de segregação racial o mercado surgiu como alternativa para que as pessoas suprissem suas necessidades uma vez que existiam leis que as proibiam de frequentar os mesmos espaços que as pessoas brancas. Esse ecossistema estadunidense, gerou organizações, universidades e até mesmo instituições bancárias conhecidas como *black-owned bank*, que historicamente surgiram em 1864 em meio a guerra civil entre brancos e negros (LASH 2005, pg. 188). Exemplificando, um dos maiores bancos dessa categoria o OneUnited Bank enfatiza “*Trabalhamos para ajudar o desenvolvimento urbano pelo país, para aumentar a alfabetização financeira em nossas comunidades, e construir o poder econômico negro na América*”(Site One United Bank, 2018, tradução nossa)¹². Na Índia, o economista, Muhammad Yunus, instituiu um sistema de financiamento para as camadas mais pobres da Índia, ganhador do prêmio da Paz, o Grameen Bank auxiliou no desenvolvimento local, movimentando bilhões de dólares (EXAME, 2017).

Dentro deste contexto estadunidense, a comunidade se articula para criar e produzir para si, com restaurantes, lojas de sapato, comida, brinquedos, beleza e todo tipo de *black owned business*, ou até mesmo comunidades de compartilhamento como o chamado *black twitter* onde as pessoas negras interagem organicamente em assuntos de comum interesse na rede social *Twitter*.

É interessante comparar que em relação a formação da população, os Estados Unidos é apenas 13,4% negro, de acordo com *United States Census*

¹²“*We are America’s largest Black-owned bank. We’re working to help develop urban communities across the nation, to raise financial literacy within our communities, and to build Black economic power in America*”.

Bureau instituição responsável para realizar o censo demográfico estadunidense, o que destaca as dificuldades históricas dos afro-brasileiros em constituir comunidades que atendessem suas demandas. Ademais, de acordo com pesquisas realizadas pela mesma instituição, cerca de 2,5 milhões desses afro-empresários são de propriedade de afro-americanos, sendo responsáveis por cerca de 10% dos cerca de 27 milhões no total de empresas estadunidense.

Esta elucidação é importante para entender como este conceito do vem ganhando espaço no Brasil em diversos setores, tal como o turismo, entretanto é de suma importância destacar a desigualdade nos Estados Unidos¹³. Além de pautar que uma vez que não existe capitalismo sem racismo¹⁴, é necessária atenção nas estratégias usadas para a representatividade.

No Brasil, a criadora do “Movimento *Black Money*”, Nina Silva comenta “a ideia não é só gerar riqueza é ter nossas instituições financeiras, educacionais e estar em todas as esferas de poder” (Site Portal Calle 2, 2018). Nas mesmas diretrizes, já aparecem os primeiros bancos influenciados pelo conceito do *black money*, que vem conquistando mercado nacional, como o Conta *Black* e o *D’Black Bank*. Atualmente no Brasil, mais da metade dos empreendedores são negros, segundo pesquisa realizada pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) embasado nos dados do PNAD, mas “recebem um rendimento médio mensal que equivale a menos da metade do recebidos pelos Donos de Negócios brancos”, de acordo com as considerações finais da pesquisa. A diferenciação entre os empreendedores negros é relevante, uma vez que são divididos em pessoas que possuem outros colaboradores, o chamado empregador, e aquele que trabalha por conta própria sem empregados, sendo este segundo “representado por 99% dos empreendimentos brasileiros, que são de micro e pequeno porte.” (IBGE, 2013, pg. 06).

Em ascensão, o empreendedorismo social ganhou notoriedade, como instrumento de potencialização de negócios que gerem impactos positivos, e, neste

¹³A cifra da desigualdade nos Estados Unidos da América. Revista El País, 2014. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/28/internacional/1390932443_019703.html > Acesso em: 08 out. 2018

¹⁴ Frase enfática cunhada por Malcolm X sobre o racismo e o capitalismo.

recorte, impacto na diminuição de desigualdades e acesso à oportunidade à população afro-brasileira. Iniciativas como: a Feira Preta, conhecida como o maior evento de cultura e empreendedorismo negro da América Latina; segundo o site; a Empregueafro, que se apresenta como consultoria de recursos humanos focada na diversidade étnico-racial, e, muitos outros empreendimentos.

Portanto, é possível assimilar em qual contexto estão as empresas de turismo inseridas neste recorte, que empregando as mesmas lógicas e conceitos, movimentam o setor do turismo para converter a demanda da população afro-brasileira. Não somente, com a sensibilidade da abordagem das pautas da discriminação racial, identidade cultural e acesso a população negra ao universo do turismo e do lazer, assunto este que será abordado com mais profundidade a seguir.

3.4 O viajante afrodescendente

Neste subtópico compreende uma das principais abordagens que antecedem o principal objeto de estudo desta pesquisa, compreender qual o estado da arte sobre a experiência de viajar auto-declarando-se negro ou negra.

No livro intitulado *“Tourism, diaspora and space”* (COLES, 2004) de origem britânica, contém quase duas dezenas de artigos articulando esses temas e mencionando o contexto do viajante negro, entretanto em sua maioria os artigos relacionam o fenômeno do turismo e as complexidades das consequências migratórias e racismo, mas pouco destaca a experiência do viajante em si. Apesar da existência de produções narrativas da perspectiva do viajante, de certo modo, a obra britânica exemplifica acerca das reflexões que do ponto de vista e intenção desta pesquisa, ainda são escassos, mesmo internacionalmente.

Para obter tais informações, os blogs de viagem popularizam conteúdos e conseguem sintetizar da forma mais diversa e sensível as possíveis dificuldades e contribuições tradicionais ao viajante afrodescendente. Destinos, depoimentos e pormenores do planejamento de uma viagem nacional ou internacional, pressupõe-se que esse leitor em específico consiga encontrar informações tão direcionadas somente em pesquisas alternativas, já que a escassez de conteúdo de

jornais, revistas e pesquisas acadêmicas refletem o imaginário conservador - que é racialmente preconceituoso. Quando pensa-se em um viajante, por definição desse imaginário, pensa-se em uma pessoa branca. Para validar esta afirmação, uma pesquisa despretensiosa por termos como “viajante” ou “turista” em ferramentas de busca com resultados em imagens corrobora esta conjuntura.

A lacuna existente para o viajante negro no mundo, foi o gargalo possível para empresas e grupos de viajantes negros se estabelecessem e conquistassem o que a demanda que carecia: atendimento e particularidades sociais e culturais. Conhecido como *Black Travel Movement*, o movimento organizado emergiu de viajantes afro-estadunidense como uma comunidade, para afirmar sua existência em viagens a lazer.

Em entrevista para a CNN (*Cable News Network*), a *Chief Executive Officer* (CEO) da empresa *Nomadness Travel Tribe*, *Evita Robinson*, comenta “[...] sempre houve um estereótipo de que as pessoas de cor¹⁵ não viajam - ou, se viajam, eles vão para o Caribe ou Miami. [...] Mas não era como se as pessoas de cor não estivessem viajando, era a mídia de massa que não estava documentando isso.” (Site *Nomadness TV*, 2018, tradução nossa).¹⁶ A *Nomadness* se apresenta como uma comunidade voltada a pessoas negras que são constantemente sub-representadas no setor de turismo e hotelaria, sendo uma das empresas pioneiras a pensar viagens nesse segmento nos Estados Unidos em 2011. Seus destinos recentes incluem países como Panamá, Índia, Tanzânia e África do Sul. Também popular dentro do *Black Travel Movement* A *Travel Noire*¹⁷, uma das grandes empresas dentro do movimento, opera um dos seus roteiros no estado da Bahia, assim como a *Nomadness*.

Em Paris, na França, a *Black Paris Tours* atua como agência de turismo receptivo e em seu slogan consta “Para qualquer e cada pessoa interessada na verdadeira história da França e dos Estados Unidos da América” (Site *Black Paris*

¹⁵ Termo usado com frequência nos Estados Unidos, “pessoas de cor” refere-se a pessoas não-brancas.

¹⁶ “[...] *There has always been a stereotype that people of color don't travel -- or if they do, that they'll go to the Caribbean or Miami. [...] But it wasn't that people of color weren't traveling, it was that mass media wasn't documenting it.*”

¹⁷ A tradução livre de *noire* significa preta/ negra em francês (tradução nossa).

Tours, 2018, tradução nossa)¹⁸. Além destas, já existem muitas outras iniciativas em outras partes do globo, seja em agências de viagens emissivas ou receptivas, como a *Black and Abroad*, *Tastemakers Africa*.

Figura 1 - Registro de mulheres negras durante viagem em 2016.



Fonte: Acervo Nomadness Travel Tribe, 2016.

No Brasil, já existem empreendimentos relacionados ao mercado de turismo, viagens pensados principalmente para a população negra. Idealizado por Luciana Paulino e associado a Guilherme Soares Dias, o *Black Bird* se apresenta como uma plataforma de turismo e representatividade, inicialmente sendo um espaço de compartilhamento das experiências de viajantes afro-brasileiro e que pretende abarcar o mercado de viagens e valorização de “lugares especiais da cultura negra”, de acordo com Luciana em entrevista para a plataforma *Hysteria* em 2018.

Idealizado a partir de desconfortos de origem racista por plataformas de hospedagem durante a viagem, a Diáspora *Black* além de uma nova opção de plataforma de hospedagem direcionada a cultura negra, também oferece outras experiências para conectar os viajantes afrodescententes. O CEO da empresa, Fernando Montenegro, aponta em entrevista para a revista *Carta Capital* em 2017, a existência de uma diminuição em cerca de 16% das negociações nessas plataformas para negros e negras, de acordo com pesquisa feita pela *Harvard*.

¹⁸ “For Anyone and Everyone Interested in the Real History of France and the US!”

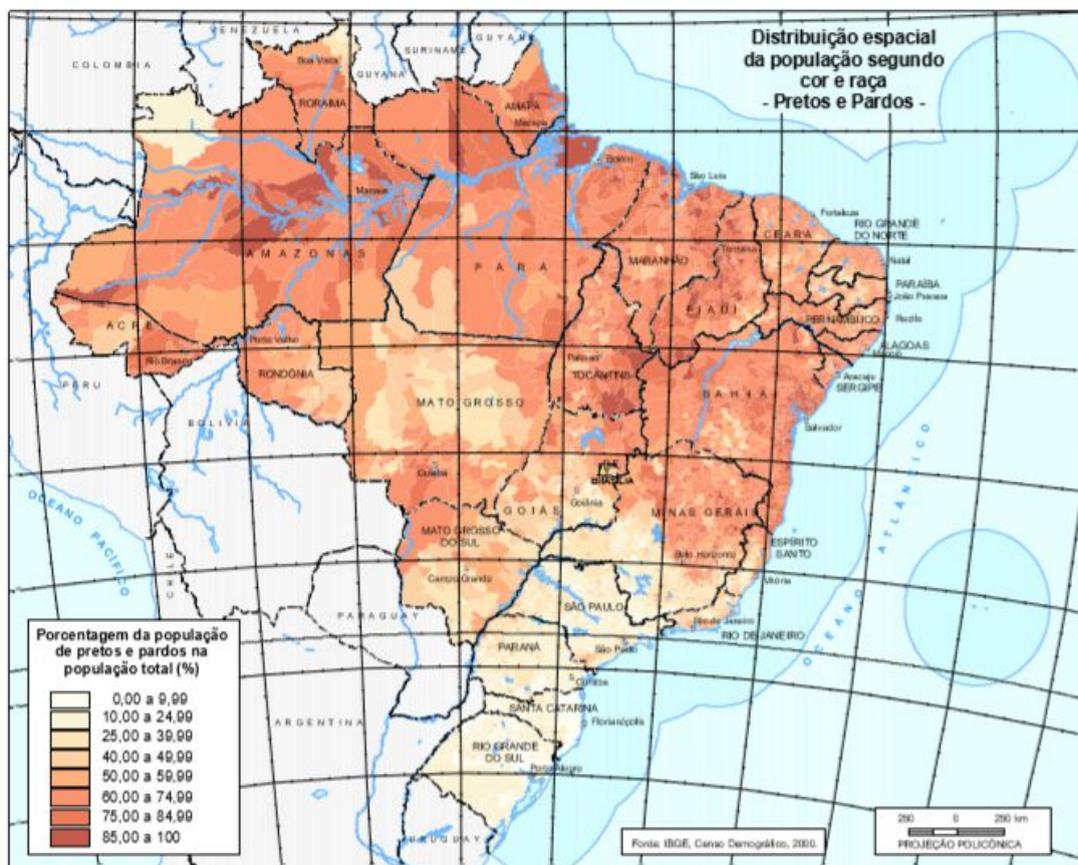
Sendo a Diáspora *Black* única startup de “afroempreendedorismo” acelerada no evento Estação *Hack*¹⁹ promovido pelo Facebook, segundo reportagem compartilhada pelo Portal Geledés em 2018. A empresa criada em 2016 vem abrindo portas para a comunidade negra, sua principal demanda potencial.

Além das oportunidade referentes a hospedagem, a Diáspora *Black* também possui outros conceitos: a) experiências: oportunidade de vivências relacionadas a cultura negra como jogos de capoeira e vivências gastronômicas; b) selo: tendo como público alvo as redes hoteleiras, o intuito é instruir para que as empresas possam “ identificar, responder e combater em seus serviços situações de discriminação e racismo”, a iniciativa de acordo com as informações divulgadas no site, são alinhadas de acordo com os parâmetros de Promoção da Igualdade Racial estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

A vivência de resgate a culturas diaspóricas e outras tradicionais também são oferecidos, por empresas do setor do turismo que dedicam-se a comunidades tradicionais, como a Plana - Turismo de Experiência, empresa social que proporciona vivências da cultura quilombola e de outras comunidades. De fato, segundo a *Think Etnus*, 61% dos negros brasileiros, afirmam que comprariam mais de marcas que o representassem. Outro afro empreendimento é a Go Diáspora, presente no setor de viagens e intercâmbios voltadas a população negra, e ainda destaca a oportunidade para viajantes estrangeiros visitarem o país, com produtos desenvolvidos na Bahia, que além do lazer incluem aulas de português.

¹⁹ O termo “acelerar” no contexto de startup significa acelerar o seu crescimento através de capital intelectual ou econômico. A Estação Hack é um espaço de mentoria cujo capital provém do Facebook Brasil.

Figura 2 - Distribuição espacial da população segundo cor e raça, 2000.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.

Para identificar e visualizar, na distribuição populacional por cor ou raça, é possível distinguir a concentração da população afro-brasileiros na região Norte e Nordeste. A escolha da Bahia pelas empresas nacionais e internacionais não é evidentemente pelo acaso, sendo a capital Salvador a mais negra do país segundo o IBGE em seu *Mapa de distribuição espacial da população segundo cor ou raça*²⁰ de 2010, o estado procede profundas influências culturais africanas na gastronomia, idioma, musicalidade e sincretismo religioso, que se fundem da mais densa maneira em território baiano (PORTAL BRASII, 2009).

A fundamentação histórica e os novos elementos relacionados construídos, conduzem a discussão para como o viajante afro-brasileiro tem experienciado em meio ao racismo velado, um mercado afro-empresendedor se construindo e as desigualdades sociais que tornam o acesso ao turismo analogamente desigual.

²⁰ Ver Anexo B.

Capítulo 4 - O viajante afro-brasileiro

*“ Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas
[...]
E a palavra amor, cadê?
Je suis ici, ainda que não queiram não”
Luedji Luna*

Neste capítulo, é abordado o principal objeto de estudo da pesquisa, o viajante afro-brasileiro. Dentro de novos conceitos e termos, o turismo étnico e o ascendente movimento afroturístico, dialogam nos cenários onde o viajante está presente. Através de uma pesquisa online, neste capítulo, abordaremos resultados e análises sobre possíveis hipóteses que representam os dados coletados.

4.1 Afroturístico ou Turismo Étnico?

Explorando as linhas de estudos relacionados ao contexto do objeto de pesquisa, é comum deparar-se com estes dois conceitos “afroturístico” e turismo étnico.

De acordo com o MTur, o turismo étnico *“constitui-se de atividades turísticas envolvendo a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos”*. Nesta definição, a informação consta em uma cartilha sobre orientações básicas acerca do Turismo Cultural em 2010, que tem como um subtema o turismo étnico.

Da perspectiva acadêmica, há um conjunto de obras relacionados ao turismo étnico, considerando um objeto específico de estudo em sua maioria relacionado ao patrimônio material ou imaterial. Enquanto ao uso do termo “afroturístico”, ou ainda “afro” e “turismo”, é possível encontrar algumas produções específicas a respeito de linhas de pesquisa sobre religiões de matrizes africanas no contexto brasileiro. No entanto, dentre as referências estudadas, o termo “afroturístico” foi empregado em uma tese de doutorado intitulado *Empreendimentos sociais, negócios culturais: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São*

Paulo²¹, cujo o termo diz respeito a um roteiro realizado em conjunto da Feira Preta²² e a Secretaria Municipal de Turismo.

Em período oportuno a realização desta pesquisa, no dia 11 de setembro de 2018, o Diretório Acadêmico de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, promoveu um evento para debater as tendências do mercado.

Figura 3 - Registro do evento Debatendo Tendências em 2018.



Fonte: Acervo da fotógrafa Mariana Mourão, 2018.

Um dos temas da programação chamado “Movimentos Afroturísticos”, apresentou uma mesa de discussão com quatro palestrantes presentes, representando suas iniciativas (*Diáspora Black* e *Black Bird*) e também discussões acadêmicas que exploraram questões pautadas em: roteiros afrocentrados; o fortalecimento da comunidade negra no processo da viagem, a experiência do viajante negro, e, sobre o patrimônio edificado da cultura afro-brasileira em São

²¹ Tese de doutorado. Silva, Gleicy Maily da. Silva, Laura Moutinho da (orient). Empreendimentos sociais, negócios culturais : uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo. São Paulo, 2017. 266 p.

²² A Feira Preta é reconhecida como o maior evento de cultura negra da América Latina.

Paulo. Conceitos como *blackmoney*, afroturismo e o *black travel* foram questões chaves para as discussões levantadas.

Dessa maneira, dando vazão ao entendimento do movimento afroturístico, pode-se interpretá-lo de forma mais abrangente do turismo étnico-afro, a partir do momento que entende-se que o turismo étnico-afro vem da perspectiva de valorização da cultura e toda expressão negra contemplada pelo turismo. O movimento afroturístico pode ser assimilado além, considerando as experiências individuais e sociais dos viajantes afro-brasileiros, abarcando o movimento desses corpos em diálogo com o turismo e as pautas em comum a partir da cor da sua pele e as reverberações sociais desse fato. Não só externalizando-as, como também canalizando tais eventos como tomada de poder para si, para criação de novas plataformas, empreendimentos e ideias em rede. Além da proteção da sua condição humana, ferida pelo racismo estruturante na sociedade.

4.2 O viajante afro-brasileiro

O Brasil é o segundo país mais negro do mundo, estando a Nigéria em primeira posição, dado apresentado pelo SEPIR em dados dos Ministérios das Relações Exteriores (MRE). Isso representa ser o país mais negro fora do continente africano, justificado resultados da diáspora africana, a formação da população e a extensão continental brasileira.

Em adição, nos estudos críticos acerca da comunicação turística e o mito da democracia racial, Hintze revela dados que para a população negra já foi naturalizada. A sub-representação do negro como indivíduo que desfruta do setor de turismo e viagens.

Na análise sobre comunicação turística realizada por Hintze, reafirma-se a imagem sub-representada dos corpos negros, exemplificada por uma das revistas pioneiras do setor, Revista Viagem e Turismo. O autor destaca ainda em quais atividades e contextos os negros são representados na revista e em sua maioria, trabalhando estando sempre nos “bastidores do turismo”. É oportuno recordar a obra *Teoria da viagem: poética da geografia* que entre inspirações e reflexões,

Onfray recorda-se da necessidade de despir-se das referências para imergir na nova cultura (ONFRAY, 2009, p. 90). Em um caminho inverso ao princípio de Onfray, a exotização também é fator presente na dinâmica da sub-representação. “A imagem dos negros é ainda associada ao exotismo. *“Uma das imagens mais marcantes é a das meninas da etnia himba, nuas, com seios à mostra”* (HINTZE, 2012, pg. 69).

O acesso ao lazer e ao turismo é o sonho de consumo de²³ grande parte dos brasileiros de classe C e D e nos traz a questão: quem são os viajantes afro-brasileiros? Além disso, estudos apontam a estimativa de que até 2020 os negros representarão 8 entre cada 10 brasileiros, segundo a *Think Etnus*.

Para tentar compreender melhor o universo e o perfil do viajante afro-brasileiro, uma pesquisa online foi aplicada através da plataforma *Google Forms* para coletar dados tidos como importantes para o início da pesquisa de cunho exploratório da perspectiva acadêmica, uma vez que, até o momento, o Ministério do Turismo não analisa o perfil e/ou comportamento de consumo em turismo dos afro-brasileiros em viagens domésticas ou turismo emissor.

Iniciada no dia 16 de outubro, a pesquisa permaneceu disponível por duas semanas sendo encerrada no dia 29 de outubro de 2018 às 23h00. Conforme metodologia proposta, a pesquisa foi divulgada através das redes sociais Facebook e Instagram. Destinada ao público afro-brasileiro, o formulário continha em sua descrição o perfil solicitado de respondentes, isto é, “pessoas negras que nasceram no Brasil; brasileiros com ascendência africana; afro-brasileiros”²⁴, fragmento retirado da pesquisa original.

4.2.1 Métodos, tratamento dos dados e os primeiros resultados

Para fins interpretativos, entende-se do ponto de vista metodológico que as afirmações, análises e hipóteses em relação a amostra, condizem sobre as características específicas dos dados coletados, não sendo possível inferir que tais resultados representam os viajantes afro-brasileiros de maneira ampla.

A pesquisa recebeu 582 respostas, entretanto no início do tratamento dos dados, duas respostas foram excluídas para coesão dos resultados, uma vez que a

²³ Ver página 27.

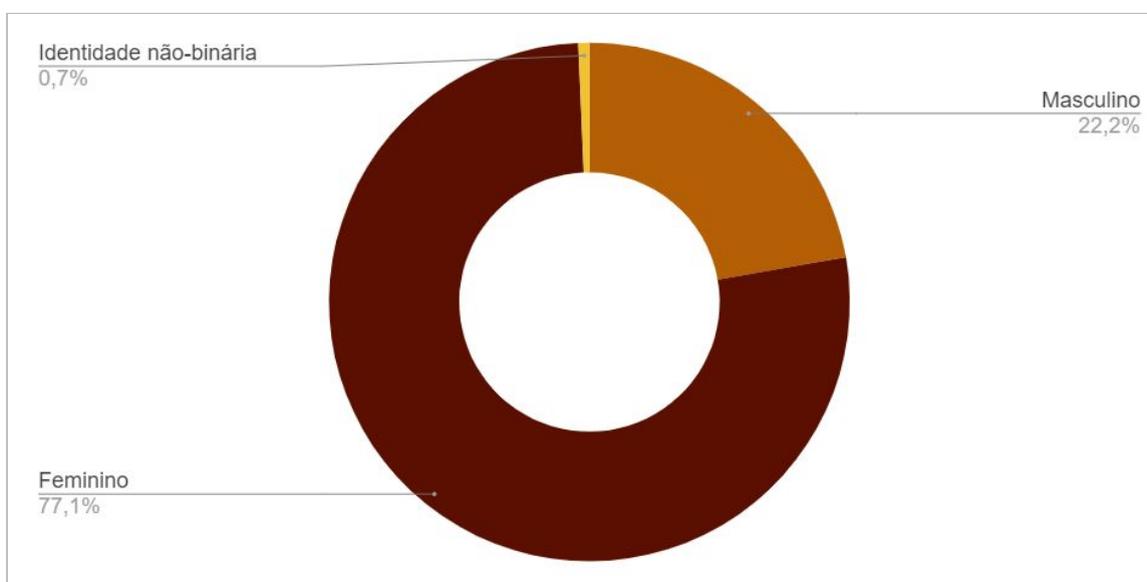
²⁴ A descrição do questionário na íntegra consta no APÊNDICE A.

primeira resposta foi excluída por duplicidade de entrada e a segunda resposta por inserção de um estado de origem estrangeira no campo “Estado” e “Cidade”. Sendo a pesquisa destinada para pessoas negras que nasceram no Brasil, a resposta foi excluída.

Ainda em relação a métodos e dados, após a resposta 25 do questionário, uma pergunta foi adicionada para dar mais fluidez na dinâmica da plataforma, no entanto, a alteração não compromete a veracidade das informações coletadas e nem dos resultados e/ou análises posteriores.

Em relação aos resultados tabulados, a seguir, apresenta-se uma sequência de dados considerados relevantes. No Apêndice desta pesquisa, poderão ser encontrado as frequências absolutas e relativas de todas as questões fechadas contidas no formulário. O volume de respondentes permite uma maior riqueza na análises qualitativas, mas também revelam alguns dados importantes que por hipótese, podem refletir um espaço amostral ainda maior.

Figura 4 - Distribuição de acordo com o gênero



Fonte: Elaboração própria, 2018.

Em relação ao gênero, 77,01% dos respondentes são mulheres, sendo 22,2% homens. O número de respondentes que se auto-declaram pertencentes a uma identidade não-binária²⁵, 0,7%, surpreende uma vez que como pessoas negras, essas pessoas são invisibilizadas ainda mais agressivamente.

Com maior relevância, a faixa etária 46,4% possui entre 18 a 25 anos, seguido por 23,4% que possuem de 31 a 45 anos, ademais, a pesquisa alcançou 21 estados brasileiros além da unidade federativa Distrito Federal, abaixo a relação por regiões.

Tabela 2 - Frequência segundo agrupamento de estados por região

Por Região	Estados	
	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Norte	5	0,9%
Nordeste	42	7,2%
Centro-Oeste	12	2,1%
Sudeste	470	81,0%
Sul	40	6,9%
Distrito Federal	11	1,9%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Por ser uma pesquisa não-aleatória, é compreensível que o alcance da pesquisa tenha sido maior na região que ela foi postada devido aos círculos sociais, correspondendo São Paulo como 57,9% do total de respostas. Em Nível de Escolaridade o Ensino Superior Incompleto/Cursando ou Completo representam somados 67% dos respondentes, tendo apenas 0,2% com Ensino Fundamental Incompleto. A Unidade Federativa (UF) Distrito Federal encontra-se em sua própria linha, mas conceitualmente pertencente a região Centro-Oeste.

Dessa maneira, temos um perfil: feminino, de 18 a 25 anos, cursando Ensino Superior, trabalhando com carteira assinada e cuja renda familiar corresponde de R\$1.001,00 a R\$3.000,00 reais. A questão relacionada à engajamento em movimentos sociais, revelou que 80,9% se considera engajado em algum tipo de

²⁵ Relacionada a identidade de gênero, os respondentes que não se identificaram com o gênero masculino ou feminino possuíam um campo aberto, agrupando-se no termo “Identidade não-binária”.

movimento social e 91,7% se considera engajado no movimento negro de maneira geral. Dentre os movimentos sociais, além do movimento negro, o movimento feminista e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e mais (LGBT+) aparecem em destaque. Salienta-se que respondentes do gênero feminino enfatizaram que se consideram engajadas no movimento feminista negro, especificamente.

Para os 580 respondentes que realizaram viagens nacionais no último ano, cerca de 15% esteve em São Paulo viajando pelo interior, ou litoral 3,4%. O segundo destino mais visitado na região Sudeste é o estado do Rio de Janeiro, com destaque a capital, Paraty, Arraial do Cabo e Búzios. O Nordeste aparece com relevância nos resultados por regiões com 22,1%, destacando-se o estado da Bahia. Abaixo, as frequências por regiões do Brasil e especificidades.

Tabela 3 - Frequência de destinos segundo região de viagens domésticas

Qual foi o destino da sua última viagem nacional a lazer no período de 2017 - 2018?		
Regiões	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Norte	9	1,6%
Nordeste	128	22,1%
Centro-Oeste	19	3,3%
Sul	55	9,5%
Sudeste	261	45,0%
Não viajei	89	15,3%
Não entendeu	19	3,3%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Em relação às especificidades que diferem de regiões, aproximadamente 5,3% não viajou e 3,3% dos dados não foram contabilizados por falha interpretativa da questão²⁶. Também foram analisados os dados na região Sudeste, que possui valores expressivos na primeira tabela.

²⁶ Exemplos: “Uber”; “Azerbaijão”; “4 dias”.

Tabela 4 - Frequência de destinos da região Sudeste em viagens domésticas.

Qual foi o destino da sua última viagem nacional a lazer no período de 2017 - 2018?		
Sudeste	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Espírito Santo	5	1,9%
Minas Gerais	44	17,1%
Rio de Janeiro	102	39,5%
São Paulo	107	41,5%
<i>Total</i>	<i>258</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Evidencia-se que apesar de grande parte dos respondentes que viajaram no Sudeste se concentrarem no Rio de Janeiro e em São Paulo, a maioria das viagens em São Paulo corresponde a capital, apenas 18,7%, em comparação com a capital. No Rio de Janeiro, o interesse pelo litoral é consideravelmente maior.

Internacionalmente, um pouco mais de 30% viajaram internacionalmente no último ano, para a categorização os destinos foram agrupados em continentes.

Tabela 5 - Frequência de destinos segundo continente em viagens internacionais, 2017-2018

Qual foi o destino da sua última viagem internacional a lazer no período de 2017 - 2018?		
Continentes	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
América	103	55.1%
Europa	67	35.8%
África	10	5.3%
Ásia	5	2.7%
Oceania	2	1.1%
<i>Total</i>	<i>187</i>	<i>100.0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

O continente mais visitado foi a América com um pouco mais que a metade dos respondentes, seguido pelo Europeu. Para tanto, viu-se necessário analisar por subcontinentes devido a dimensão do continente e a evidente particularidade enquanto produto turístico oferecido por casa subcontinente.

Tabela 6 - Frequência de destinos segundo subcontinente em viagens internacionais.

Qual foi o destino da sua última viagem internacional a lazer no período de 2017 - 2018?		
Subcontinentes	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
América do Sul	51	49,5%
América Central	31	30,1%
América do Norte	21	20,4%
<i>Total</i>	<i>103</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

A América do Sul destaca-se em primeiro lugar e enfatiza-se os destinos Argentina, Chile e Colômbia, respectivamente, como os principais escolhidos.

Neste contexto, existem fatores que desestimulam os afro-brasileiros a realizarem viagens domésticas. As questões de formato aberto permitiram que os respondentes tivessem maior liberdade para expressar os fatores que os desestimulam, dessa maneira foram categorizados de acordo com a frequência relativa.

Tabela 7 - Frequência de fatores que desestimulam viagens domésticas

Quais fatores te desestimulam a viajar hoje no Brasil?	
Fatores	Frequência Relativa
Falta de recursos financeiros	63,5%
Violência e Segurança	10,5%
Falta de Tempo	5,6%
Não entendeu ²⁷	5,6%
Racismo	5,5%
Outros	2,9%
Nenhum fator	1,8%
Machismo	1,4%
Companhia	1,1%
Política e Políticas Públicas	0,8%
Mobilidade e Transporte	0,7%
Conhecimento, planejamento e informações	0,7%
<i>Total</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

O principal fator que desestimula a viagem a partir dos dados é a falta de recursos financeiros 63,5%, seguido pela violência e segurança, assim como a falta de tempo. Um fator de suma importância é destacar que além da violência urbana, a violência estrutural em relação aos grupos vulneráveis se sobressaem, como o racismo 5,5% e o machismo 1,4%. É relevante destacar que o medo de sofrer lgbtfobia aparece, entretanto, em menor volume dentro do fator “Outros”.

Nas viagens internacionais, o fator segurança, ainda que relevante é ultrapassado por outras questões que influencia nas escolhas referentes a viagem.

²⁷ Falha interpretativa da questão. Exemplos “Dólar”; Interpretação oposta: respostas que estimulariam a viajar como “lazer, conhecer novos lugares e fazer amizades”.

Tabela 8 - Frequência de fatores que desestimulam viagens internacionais

Quais fatores te desestimulam a viajar ao exterior?	
Fatores	Frequência Relativa
Falta de Recursos Financeiros	45,2%
Câmbio	11,2%
Idioma	8,3%
Racismo	6,0%
Medo e Insegurança	5,9%
Xenofobia	5,5%
Tempo	5,3%
Documentação (Visto e Passaporte)	3,4%
Outros	2,7%
Nenhum fator	2,0%
Machismo	1,2%
Violência e Segurança	1,2%
Companhia	1,1%
Conhecimento, planejamento e informações	0,7%
Homofobia	0,4%
Acessibilidade	0,4%
<i>Total</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

A falta de recursos financeiros e as dificuldades relacionadas a conversão da moeda nacional para moedas estrangeiras se destacam, euro e dólar são as moedas mais citadas. O idioma também aparece como fator desestimulante, além das diferentes manifestações de preconceito como racismo e a xenofobia. Os respondentes que apontam a falta de companhia como um fator é 100% feminina.

4.2.2 O racismo e a injúria racial na experiência da viagem

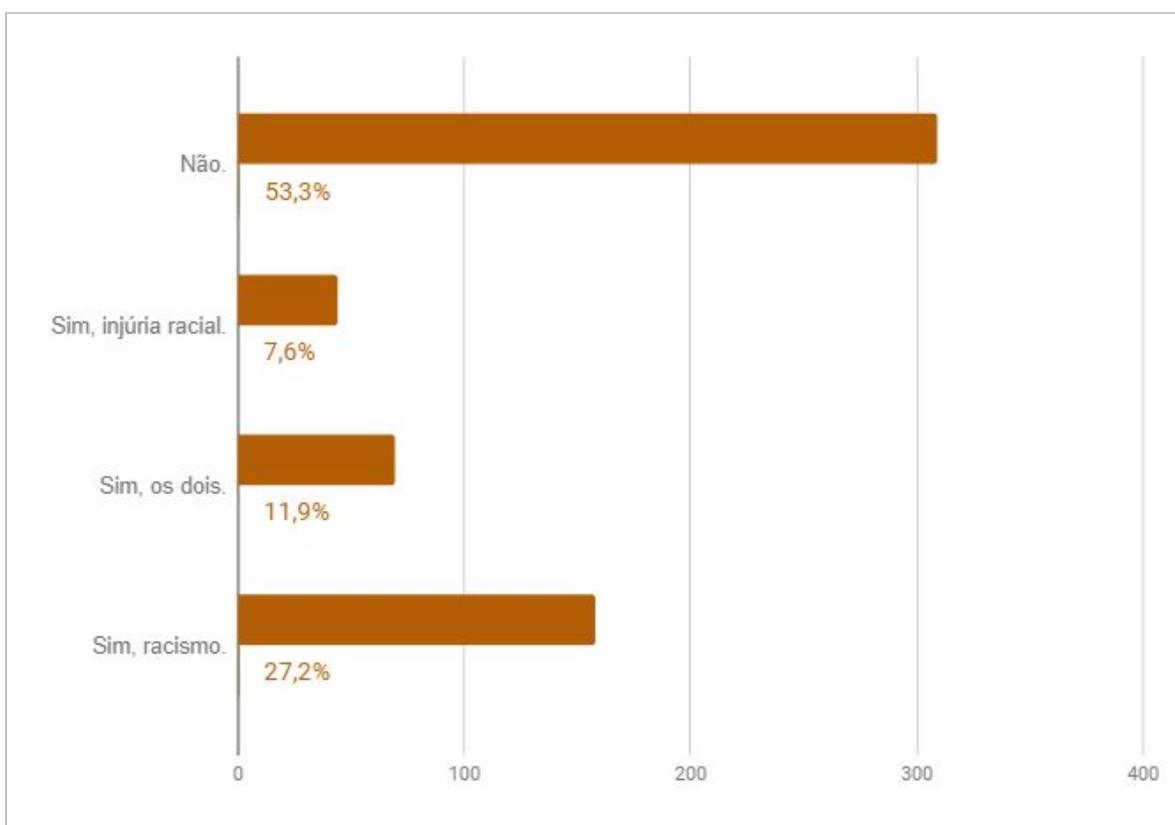
A complexidade de abordar a questão “Você já viveu e/ou presenciou racismo e/ou injúria racial em alguma das suas viagens nacionais?” está condicionada a significativa necessidade de compreender o racismo no contexto do turismo, com sensibilidade e visibilidade. A questão de múltipla escolha era obrigatória, entretanto havia um espaço para que o respondente compartilhasse suas experiências caso se sentisse confortável para isso.

Nesta ocasião, temos um complexo conjunto de fatores com as quais essas respostas se contextualizam, desse modo, a dificuldade de tabular especificamente

essas questões são: perguntas abertas, qualitativas, relacionadas ao racismo estrutural e sua percepção - e em um lugar não cotidiano.

Na primeira questão fechada em relação a racismo e injúria racial em viagens domésticas, os participantes indicaram se já presenciaram ou viveram alguma dessas experiências.

Figura 5 - Distribuição de racismo e/ou injúria racial em viagens domésticas



Fonte: Elaboração própria, 2018.

Na figura acima, destaca-se que 53,3% não vivenciaram nem presenciaram nada. Entretanto, é importante considerar que as respostas opostas, somadas totalizam 46,7%, ou seja, 46,7% já vivenciaram e/ou presenciaram situações de racismo e/ou injúria racial.

O espaço para compartilhar as situações não eram obrigatórias e estavam indicadas que o respondente poderia contribuir caso se sentisse confortável para. Na tentativa de elucidar as resposta de maneira completa considerando sua vulnerabilidade, criou-se um quadro com informações acerca da conjuntura dos

depoimentos, atribuindo em um sistema de pontuação não comparativa, a cada vez que a situação categorizada se repetisse.

É importante destacar que há outros pormenores intrínsecos a essas percepções, tendo na intersecções de subjetividades: a auto-declaração como pessoa negra do respondente, suas experiências e percepções sobre o que é o racismo e/ou injúria racial, a veracidade das informações e a interpretação destes dados nesta análise.

Com propósito coesivo, algumas respostas não foram consideradas devido a fuga do tema por parte dos respondentes. Abaixo, a breve descrição listada das situações, contextos de ambiente, companhia e motivação de viagem.

Quadro 1 - Situações de racismo e/ou injúria racial durante viagens domésticas

Situações vivenciadas e/ou presenciadas de racismo e/ou injúria racial	Ambientes	Companhia	Motivações
1. Atendimento diferenciado;	Lojas	Sozinho (a)	Lazer
2. Olhares desconfortáveis;	Comércios	Amigos	Trabalho
3. Perseguição em estabelecimento;	Restaurantes	Família	Excursão da escola
4. Hiperssexualização;	Mercados	Companheiro (a)	Evento acadêmico
5. Agressão verbal;	Hotel		Visita a parentes
6. Acusações de furto e/ou roubo;	<i>Hostel</i>		
7. Impedido (a) de entrar no ambiente;	Aeroporto		
8. Condição financeira questionada;	Avião		
9. Exclusão/Invisibilidade;	Praia		
10. "Piadas";	Bares		
11. "Confundido (a)" com funcionário (a);	Festa		
12. Inospitalidade;	Cafés		
13. Depreciação estética: traços negróides;	Clubes		
	Ônibus		
14. Depreciação estética: cabelo crespo	Estádio		
15. Agressão física	Teatro		
16. Pertences pessoais revistados sem motivo comprobatório	Museu		

Fonte: Elaboração própria.

Analisando os comentários na pesquisa, é perceptível que dentre as 112 mulheres, 37 homens e 1 pessoa de identidade não-binária que compartilharam suas experiências sobre situações de racismo e/ou injúria racial em viagens nacionais, os eventos e contextos são evidentemente semelhantes. Para corroborar

o quadro acima, foram selecionados alguns fragmentos das respostas de maneira anônima:

[...] sou vista como uma pessoa que trabalha nos lugares e nunca como turista. [...] eu ouvi tinha que ser preto, isso é coisa de preto. [...] controlaram todo o dinheiro para saber se não era falso. [...] sofremos uma tentativa de atropelamento. [...] estava sentada no restaurante e duas moças do lado pediram para trocar nosso grupo de lugar porque não gostava de pessoas negra. “[...] uma funcionária concluiu repentinamente que eu e minha irmã éramos da equipe da limpeza. [...] disse que não sou assaltada porque me pareço com os assaltantes (Depoimentos coletados na pesquisa, 2018).

O caráter traumático é percebido ao recordar de situações que ocorreram em períodos distantes como no trecho “[...] Já faz uns dez anos”. Outra característica entristecedora, é a evidência de que os respondentes identificaram as situações de racismo e injúria racial porque já haviam vivido e presenciado anteriormente em seus espaços cotidianos sociais.

[...] Clássicos como perseguição em mercados e lojas ou não ser bem atendida nos espaços. [...] Aquele velho racismo velado de sempre[...] O de sempre desrespeito, ser tratado de forma diferenciada como se estivesse pedindo um favor.(Depoimentos coletados na pesquisa, 2018).

Neste caso, percebe-se pelo uso de palavras escolhidas para referir-se a situações no início da frase como: “o clássico”, “o básico” e “o de sempre”, onde muitas vezes estes indivíduos eram as únicas pessoas negras do ambiente.

Seguindo os mesmos métodos, a realização do quadro com o compartilhamento em viagens internacionais foi realizado com 88 depoimentos válidos. Apesar da riqueza de detalhes, as motivações não estavam explícitas, e, por este motivo, não constam neste quadro.

Assim como em viagem domésticas, cada depoimento lido foi considerado em uma categoria e pontuado a ocorrência do evento de maneira não comparativa ou hierárquica.²⁸

²⁸ Exemplo: “Apontaram e riram do meu cabelo” se encaixa em depreciação estética: cabelo cacheado ou crespo. Caso apareça novamente, é indicado em um quadro parcial: depreciação estética 2x, na tentativa de contar a frequência de cada ocorrência.

Quadro 2 - Situações de racismo e/ou injúria racial durante viagens internacionais

Situações vivenciadas e/ou presenciadas de racismo e/ou injúria racial	Ambiente	Companhia
1. Agressões verbais (Xingamentos e ofensas)	Rua	Sozinho (a)
2. Hipersexualização;	Loja	Amigos
3. Depreciação estética: cabelo crespo	Restaurante	Família
4. Olhares desconfortáveis	Aeroporto	Companheiro (a)
5. Assédio	Hotel	
6. Perseguição em estabelecimento;	Lojas	
7. Atendimento diferenciado		
8. Exotização		
9. “Confundida” com funcionária		
10. Acusações de furto e/ou roubo;		
11. Impedido (a) de entrar no ambiente;		
12. Condição financeira questionada;		
13. Ausência de pessoas negras no ambiente		
14. “Piadas”;		
15. Ameaças		
16. Pertences pessoais revistados sem motivo comprobatório		

Fonte: Elaboração própria.

As agressões verbais são as situações mais presenciadas e vividas pelos respondentes, a hipersexualização e exotização foi percebida em sua totalidade por mulheres.

[...] um cara mandou eu pegar bebida pra ele enquanto eu passava junto com os meus amigos [...] fui parada pela polícia, pois uma pessoa do outro lado da rua que viu a situação me acusou de roubar meu próprio carro. [...] levantei para empurrar a cadeira de rodas de minha mãe e ir embora, o homem tentou proteger a bolsa dele [...] murmurou algo reclamando de latinos no aeroporto. [...] as pessoas enfiavam mesmo os dedos no meu cabelo enquanto eu estava de costas [...] pediram para revistar meu cabelo no aeroporto. (Depoimentos coletados na pesquisa, 2018).

Os depoimentos extremamente sensíveis e descritivos, elucidam uma ínfima parte dessas ocorrências que se apresentaram de maneira mais expressiva através de xingamentos e ofensas em situações de comportamentos racialmente discriminatórios.

Na questão fechada sobre racismo e injúria racial no exterior, cerca de 78,8% dos respondentes responderam que não viram nem presenciaram tais atos, um aumento significativo de 25,5% em relação às viagens nacionais. Entretanto pelo quadro apresentado, é notável que apesar dos viajantes terem respondido que viram

menos situações racistas em viagens no exterior, essas microagressões²⁹ são consideravelmente diferentes, em geral, mais traumática.

O cruzamento das faixas etárias com o racismo em viagens nacionais apresentam dados relevantes a serem considerados nesta pesquisa.

Tabela 9 - Racismo e/ou injúria racial em viagens domésticas por faixa etária

Faixas Etárias	Você já viveu e/ou presenciou durante suas viagens nacionais alguma experiência relacionada ao racismo e/ou injúria racial?				Total
	Não.	Sim, injúria			
		racial.	Sim, os dois.	Sim, racismo.	
Até 17 anos	66,7%	16,7%	0,0%	16,7%	100,0%
De 18 a 25 anos	53,2%	8,9%	11,2%	26,8%	100,0%
De 26 a 30 anos	58,4%	4,8%	15,2%	21,6%	100,0%
De 31 a 45 anos	51,5%	9,6%	11,0%	27,9%	100,0%
De 46 a 59 anos	37,1%	0,0%	14,3%	48,6%	100,0%
Mais que 60 anos	66,7%	0,0%	0,0%	33,3%	100,0%
<i>Total</i>	53,3%	7,6%	11,9%	27,2%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, 2018.

De acordo com a tabela, os indivíduos da faixa etária “De 46 a 59 anos” representam 48,6% do total de pessoas que presenciaram racismo, assim como os respondentes com menores de 17 anos e com idade maior que 60% anos são as faixas de maiores índices de não ter presenciado ou vivenciado tais situações.

Ao relacionar a renda com o racismo em viagens nacionais revela-se que:

Tabela 10 - Racismo e/ou injúria racial em viagens domésticas por renda mensal familiar

Faixas de Renda Mensal Familiar (R\$)	Você já viveu e/ou presenciou durante suas viagens nacionais alguma experiência relacionada ao racismo e/ou injúria racial?				Total
	Não.	Sim, injúria			
		racial.	Sim, os dois.	Sim, racismo.	
Até R\$1.000,00	54,3%	0,0%	10,9%	34,8%	100,0%
De R\$ 1.000,01 a R\$3.000,00	50,5%	10,0%	14,2%	25,3%	100,0%
De R\$3.001,00 a 5.000,00	58,1%	7,7%	9,0%	25,2%	100,0%
De R\$ 5.001,00 a 10.000,00	53,3%	7,4%	11,9%	27,4%	100,0%
De 10.001,00 a 15.000,00	51,9%	3,7%	3,7%	40,7%	100,0%
Mais que 15.000,00	44,4%	7,4%	22,2%	25,9%	100,0%
<i>Total</i>	53,3%	7,6%	11,9%	27,2%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, 2018.

²⁹ Entendidas como ações sutis de preconceitos que se repetem com o grupo discriminado, onde o acúmulo dessas microagressões causa grandes situações de estresse e desconforto.

Figura 7 - Nuvem de palavras: racismo e/ou injúria racial em viagens internacionais



Fonte: Elaboração própria, 2018.

Nas viagens internacionais o maior destaque se dá pelo cabelo, alvo de ataques mencionado 16 vezes. Além da diversidade dos traços negróides e textura do cabelo, a particularidade dos diversos tons de pele negra também mostrou-se como questão que compreende diferentes impactos entre pessoas negras retintas³⁰ e pessoas negras com tons mais claros. Esta particularidade conceitualmente chamada de colorismo³¹, é uma variável presente e importante dentro da subjetividade da percepção do racismo. Ora visto que, enquanto a pesquisa permaneceu disponível, alguns respondentes questionaram se poderiam ou não responder, novamente sintomático do ponto de vista da percepção de si mesmo.

No formulário também foi abordado a temática do movimento afroturístico e a percepção dos respondentes em relação às possibilidades de turismo centrados na cultura negra. Cerca de 81,9% não sabia da existência dessas empresas mas demonstraram interesse, aos 17,8% que conheciam além do interesse, uma parcela demonstrou que já havia utilizados serviços deste tipo e ainda a participação de uma

³⁰ Pessoa negra de pele escura.

³¹ O colorismo, segundo Alessandra Devulsky, está fundamentado na ideia de "um fenótipo (isto é, um conjunto de características físicas) normalizado: o europeu. O ideal, segundo essa lógica, é ser alto, ter a pele clara e os traços que remetem à 'raça ariana'.[...] Quanto mais próximo se chega disso, maior a percepção de competência e beleza dessa pessoa". Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42033002>> Acesso em: 15 nov. 2018

pessoa que identificou-se como proprietária de uma empresa neste formato. Da mesma maneira, 80,7% teriam preferência em ser atendidos por um “afroempreendimento” do setor de turismo, as justificativas pautam pertencimento, acolhimento, *black money* e sensibilidade. Ao optarem por isso, com altas expectativas em relação ao tratamento e valorização da história da população negra no Brasil. Além disso a auto-estima cultural estimulada por um das questões do questionário, aparece como um fator estimulante para realizar viagem para aqueles que não o fazem.

Em suma, a comparação entre os indivíduos que não presenciaram ou vivenciaram o racismo em viagens domésticas ou internacionais, respectivamente 53,3% e 78,8% apresentam imprecisões nessas percepções devido ao caráter agressivo e ofensivos das experiências vividas por esses viajantes. Através da nuvem de palavras e no destaque as palavras que ocorreram mais vezes, é importante debater que importantes atores da cadeia produtiva do turismo como meios de hospedagem e estabelecimentos que prestam serviços de alimentos e bebidas não estão aptos em muitos dos casos para atender esse viajante devido a profundidade das estratégias que o racismo permeia socialmente.

A receptividade do espaço onde o turismo acontece é responsabilidade também de quem atua e reflete sobre o setor, dessa maneira a necessidade de repensar a atuação olhando para a pluralidade das pessoas, significa estar um passo à frente em prol das transformações necessárias da sociedade e como um fenômeno marcado pela troca de relações, para o turismo, este passo necessita ser dado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indagação sobre a ausência de dados, informações e produções sobre o viajante afro-brasileiro, são os principais fatores que despertaram a problemática dessa pesquisa, uma vez não incluídos na formação do país após o período escravocrata, as consequências sociais e econômicas seguem presentes nas mais diversas extensões da vida da população negra, como a viagem.

Devido a escassez da intersecção de estudos sobre o turismo e o racismo, a construção teórica após o período diaspórico, pautou-se principalmente no agrupamento de dados estatísticos sobre a realidade socioeconômico do afro-brasileiro. Não somente, a presença de referências estadunidenses não ignora o contexto de extrema desigualdade e da diferenciação da qual a população negra do Brasil e dos Estados Unidos, transitou após a escravidão e sua relação com os respectivos países.

Os resultados da pesquisa exploratória indicaram novas possíveis indagações para seguir avançando as discussões e melhor compreender o perfil deste viajante. O volume de resultados permitiu identificar participantes de mais de vinte estados brasileiros, ainda que São Paulo tenha representado um maior alcance devido a amostragem não-probabilística, além disso, contou com um público majoritariamente feminino e universitário.

Ao confrontar os objetivos previamente delineados com os procedimentos e técnicas aplicados no processo de elaboração deste trabalho, identificou-se na trajetória desse grupo de afro-brasileiros que o racismo está presente durante a viagem destes respondentes, e ainda, o racismo revelou-se como quarto maior fator desestimulante em viagens nacionais e internacionais. A subjetividade no processo pessoal dos participantes também são fundamentais para as considerações desta pesquisa, uma vez que o perfil informado eram de pessoas negras, está inerente então uma consciência racial para aqueles que responderam, tornando-se um processo de múltiplas reflexões e indefinidamente filtrante. Todavia, uma vez que a população brasileira, ainda está construindo o processo de consciência racial, vide os 136 tons de pele apresentados na pesquisa realizada pelo PNAD em 1976³²,

³²Ver página 27.

sinaliza que além de trilhar a descoberta da sua negritude, ser negro não significa identificar todas as artimanhas do racismo organicamente, sendo isto para a população afro-brasileira um exercício constante e necessário. Corroboram para estas reflexões, a comparação do percentual de respondentes que compartilharam não terem vivido ou presenciado situações discriminatórias com os trechos de alguns depoimentos. Situações com agressões verbais, depreciação estética pelas características físicas, ou até abordagens pela premissa preconceituosa que a pessoa negra está trabalhando e não viajando.

Paralelamente, de forma tímida, as empresas especializadas no atendimento, articulação da rede e valorização da cultura negra ganham visibilidade e importância para este viajante. Estas estruturas podem ser um instrumento para a representação e melhor atendimento da população negra no setor de viagens que ainda lida com o racismo em atendimento diferenciado, acusações e invisibilidade. Contudo, frisa-se que estas resoluções surgem para maior conforto nas atividades práticas, mas que não são as soluções reais para o racismo estrutural e velado brasileiro. Uma vez que, ainda que seja construído por pessoas negras e para pessoas negras, não deve-se deixar de lado o foco para a movimentação e organização da população negra de maneira mais abrangente não esquecendo-se a relação do capitalismo e o racismo.

Sendo assim, enegrecer o turismo, ou torná-lo mais negro significa ampliar as discussões acadêmicas para o recorte racial, que é de suma importância para novas ideias de construirmos nossa sociedade. Esta monografia contribui de maneira breve para novos trabalhos que articulem das mais diferentes perspectivas e atuações que o turismo possui para a inserção desta pauta. Por exemplo, a possibilidade de mensurar o impacto que os novos roteiros afrocentrados e toda a articulação de rememorar a identidade negra tem na auto-estima cultural do viajante afro-brasileiro. Investigar os resultados a partir de outros recortes, ou ainda, realizar análises estatísticas por meio de outros métodos para novas considerações. Possibilidades futuras com as quais pode-se contribuir para que a população negra e sua ancestralidade seja honestamente representada e valorizada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 7716, de 05 de janeiro de 1989. **Art. 20 da Lei do Crime Racial**. 1989. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11797094/artigo-20-da-lei-n-7716-de-05-de-janeiro-de-1989>> Acesso: em 16 out. 2018.

_____. Decreto-lei nº 2848, de 07 de dezembro de 1940. **Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro**: Art. 140, § 3 do Código Penal. 1940 Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10622481/paragrafo-3-artigo-140-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940> > Acesso em: 16 out. 2018.

Calle 2; DIAS, Guilherme Soares. **Black Money**: O que é e como funciona o dinheiro negro?. Disponível em: <<https://calle2.com/black-money-o-que-e-e-como-funciona-o-dinheiro-negro/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CARTA CAPITAL; RIBEIRO, Djamila. **O perfil do empreendedor negro no Brasil** . 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-perfil-do-empendedor-negro-no-brasil>>. Acesso em: 2 set. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Mortalidade materna entre negras aumentou no Brasil**. 2015. Rádio Câmara. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camara-noticias/radio/materias/RADIOAGENCIA/489786-MORTALIDADE-MATERNA-ENTRE-NEGRAS-AUMENTOU-NO-BRASIL.html>>. Acesso em: 27 set. 2018.

COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL. São Paulo: Núcleo Especializado de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito. Defensoria Pública do Estado de São Paulo, 2015.

CONSELHO NACIONAL DE ENFERMAGEM. **Uma mulher morre a cada 2 dias por aborto inseguro, diz Ministério da Saúde**. 2018. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude_64714.html>. Acesso em: 27 set. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Conheça a diferença entre racismo e injúria racial**. 2015. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/79571-conheca-a-diferenca-entre-racismo-e-injuria-racial>>. Acesso em: 19 out. 2018.

CNN; PARKE, Phoebe. **Why the Black Travel movement has taken off**. 2016. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/06/15/africa/black-travel-discriminatory/index.html>>. Acesso em: 30 set. 2018.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. São Paulo, Ed. UNESP, 2008. p. 16-135.

CUNHA JR, Henrique. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: Edicon, 1992. p. 65.

CUTI, Luiz Silva. **Quem tem medo da palavra negro?** In: N.M.Kon, M. L. Silva, C.C Abud. O racismo e o negro no Brasil: questões para psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 202-207.

DA MATTA, Roberto. **Notas sobre o racismo à brasileira**. In: SOUZA, Jessé (org.). Multiculturalismo e racismo. Brasília: Paralelo, 1997.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018. p.9

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em turismo**: planejamento, métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo, Futura, 2000. p.124-179.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Tempo, v. 12, n. 23, 2007. p. 100-122 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>> Acesso em: 30 set 2018.

DUARTE, Eduardo Assis de. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Rassegna iberistica, n. 102, p. 259-280, 2014. p. 264.

EI PAÍS; PEREDA, Cristina. **As cifras da desigualdade nos EUA**. 2014. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/28/internacional/1390932443_019703.html>. Acesso em: 8 out. 2018.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. p.42.

FGV SOCIAL. **Qual a faixa de renda familiar das classes?** Disponível em: <<https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>>. Acesso em: 15 out. 2018.

GELEDÉS. **Diáspora Black e a luta para prosperar da única startup de afroempreendedorismo acelerada na Estação Hack**. Instituto da Mulher Negra. 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/diaspora-black-e-luta-para-prosperar-da-unica-startup-de-afroempreendedorismo-acelerada-na-estacao-hack/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015. p.12

GONZALEZ, Lélia. **O movimento negro na última década**. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982. p. 30.

HASENBALG, Carlos. **Raça e mobilidade social**. In: Estrutura social, mobilidade e raça, p. 164-182, 1988.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson. **Estrutura social, mobilidade e raça**. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/Vértice, 1988.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson; LIMA, Márcia. **Cor estratificação social**. Contra Capa Livraria, 1999.

HEYWOOD, Linda Marinda; FAUSTINO, Oswaldo. **Diáspora negra no Brasil**. 2.ed. Editora Contexto, 2008. p. 18-35.

HINTZE, Helio; JÚNIOR, Almeida. **Estudos críticos em turismo: a comunicação turística e o mito da democracia racial no Brasil**. Revista Turismo & Desenvolvimento, v. 1, n. 17/18, 2012. p.68-69.

HYSTERIA; PAULINO, Luciana. **Um voo para a representatividade negra**. 2018. Disponível em: <<https://hysteria.etc.br/ler/um-voo-para-a-representatividade-negra/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE mostra as cores da desigualdade**. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acesso em: 2 set. 2018.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Características da força de trabalho por cor ou raça. 2016. Disponível em < ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Caracteristicas_da_forca_de_trabalho_por_cor_ou_raca/Algumas_caracteristicas_da_forca_de_trabalho_por_cor_ou_raca_2016_04_trimestre.pdf> Acesso em: 12 out. 2018.

IPEA. **Atlas da Violência: Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Rio de Janeiro 2017. Disponível <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf> Acesso em: 23 set. 2018.

ISTO É. **Uma classe média mais negra**. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/239738_UMA+CLASSE+MEDIA+MAIS+NEGRA/>. Acesso em: 20 out. 2018.

LASH, Nicholas A. **Black-owned banks**: a survey of issues. Journal of Developmental Entrepreneurship, v. 10, n. 02, 2005. p. 188.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Sistema integrado de informações penitenciárias**: Levantamento nacional de informações penitenciárias. Brasília: Infopen, 2016. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio_2016_22111.pdf>. Acesso em: 06 out. 2018.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. **Economia do turismo**: análise das atividades características do turismo. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em < http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/images/pdf/outros_estudos/economia_do_turismo/economia_turismo__dados_de_2003.pdf> Acesso em: 20 out. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Classes C e D um novo mercado para o turismo brasileiro**: relatório final análise de dados da pesquisa quantitativa e qualitativa. Brasília, 2006. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Classes_C_D_novo_mercado.pdf> Acesso em: 16 out. 2018.

_____. **Turismo cultural**: orientações básicas. 3 ed.. Disponível em:<http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 3 set. 2018.

MUNANGA, Kabengele. **As ambiguidades do racismo à brasileira**. In: N.M.Kon, M. L. Silva, C.C Abud. O racismo e o negro no Brasil: questões para psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 33-41.

_____. **Origem e Histórico do Quilombo na África**. Revista da USP, n. 28, p. 56-63, 1996. p.63

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem**: poética da geografia. trad. Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1978. p.84.

PAIVA, Ricardo A. **O turismo e as práticas socioespaciais**. Revista Turismo & Desenvolvimento, v. 2, 2012. p.1021. Disponível em <<http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/9302/7643>> Acesso em 12. out. 2018.

PASTORE, José. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 04-12.

PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contato racial. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Coleção Brasileira, v. 241), 1945. p. 402.

PORTAL BRASIL. **Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária**. 2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria>>. Acesso em: 22 out. 2018.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro**: etnia, identidade, religião. In: Edimilson de Almeida Pereira; Robert Daibert Júnior. (Org.). *Depois, o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana*. 1. ed. Juiz de Fora, UFJF, 2010. 19-23.

REVISTA EXAME. **Dia da Consciência Negra**: Movimento Black Money já é realidade no mercado brasileiro. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/dia-da-consciencia-negra-movimento-black-money-ja-e-realidade-no-mercado-brasileiro/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. **Classe, raça e mobilidade social no Brasil**. Dados, v. 49, n. 4, 2006. p. 837.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. p.38-44.

RUSCHMANN, Doris. **Marketing turístico**: um enfoque promocional. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995. p.26-30.

SCHWARCZ, Lilia M. Raça, Cor e Linguagem. In: N.M.Kon, M. L. Silva, C.C Abud. **O racismo e o negro no Brasil**: questões para psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 104-108.

_____. **Quase pretos, quase brancos**. Revista Pesquisa FAPESP, n. 134, 2007. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2007/04/10-15-schwarcs-134.pdf>> Acesso em: 12 set. 2018.

SÉRIE CIDADANIA FINANCEIRA. **Estudos sobre Educação, Proteção e Inclusão**: Competências em educação financeira: descrição de resultados da

pesquisa da Rede Internacional de Educação Financeira adaptada e aplicada no Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/nor/reincfin/serie_cidadania_financeira_pesquisa_infe_br_%200443_2017.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Os donos de negócios no Brasil**: análise por raça/cor (2003-20013). Disponível em <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/d543357867a3220db207bc7fe34afdce/\\$File/5453.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/d543357867a3220db207bc7fe34afdce/$File/5453.pdf)> Acesso em: 05 out. 2018.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO. **Comportamento de Compra**: sonho de consumo. Disponível < https://www.spccbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/release_sonhos_de_consumo_2015_vfinal.pdf> Acesso em: 02 out. 2018

SILVA, Gleicy Mailly da. **Empreendimentos sociais, negócios culturais**: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

STOCKLER, Aída Fernanda. Trindade, Eneus (orient). **Qual a cor do seu discurso?**: as representações do negro na publicidade. São Paulo, A. F. Stockler, 2016. 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo.p. 28-30.

TELES, Reinaldo Miranda de Sá. **Turismo e inserção internacional do Brasil**: um foco no Governo Lula (2003-2010). São Paulo, 2015. 95 p.51-55.

TELLES, E. **Racismo à Brasileira**: Uma Nova Perspectiva Sociológica. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2003.

TISCHAUSER, Leslie Vincent. **Jim Crow Laws**. ABC-CLIO, 2012.

WALTER, Roland. **Afro-América**: diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.

WEBER, Max. **Classe, “status”, partido**. in: Bertelli, Antônio Roberto (org). Palmeira, Moacir G. Soares (org). Velho, Otávio Guilherme (org). Estrutura de classes e estratificação social. 4. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1973. p. 72.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Formulário

O formulário abaixo é a versão editável o qual foi submetido a plataforma online *Google Forms* como método de coleta:

O viajante afro-brasileiro [USP] [TCC]

Este questionário tem por objetivo coletar informações na tentativa de compreender a experiência de viagem do afro-brasileiro, a fim de contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Turismo da USP (Universidade de São Paulo).

Público: Pessoas negras que nasceram no Brasil; brasileiros com ascendência africana; afro-brasileiros.

*"Impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la."
Djamila Ribeiro*

DADOS PESSOAIS

Q1. Nome: (Caso queira se identificar)

R:

Q1. Gênero

Masculino

Feminino

Outro___

Q2. Idade

R:

Q3. Estado

R:

Q4. Cidade

R:

05) Escolaridade

Sem instrução escolar

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Pós Graduação

Q6. Ocupação

Desempregado (a)

Estudante

Estagiário

Carteira Assinada

Autônomo (a)

Aposentado

()Outro:_____

Q7. Faixa de Renda Familiar Mensal

- () Até R\$1.000,00
- () De R\$ 1.000,01 a R\$3.000,00
- () De R\$3.001,00 a 5.000,00
- () De R\$ 5.001,00 a 10.000,00
- () De 10.001,00 a 15.000,00
- () Mais que 15.000,00

Movimentos Sociais

Ações coletivas para debater questões sociais.

Exemplos: movimento estudantil, ambientalista, feminista, LGBT, indígena, negro, entre outros.

Q8. Você se considera engajado (a) e/ou interessado (a) em algum tipo de movimento social?

- () Não
- () Sim, qual? R: _____

Q9. Você se considera engajado (a) e/ou interessado (a) nas pautas do movimento negro de maneira geral?

- () Sim
- () Não
- () Outros ____

Viagem e Experiência Etnológica Nacional

Q10. Quais fatores te desestimulam a viajar hoje?

R:

Q11. Qual foi o destino da sua última viagem nacional a lazer no período de 2017 - 2018?

(Caso não tenha viajado, responda "não viajei").

R:

Q12. Você já viveu e/ou presenciou durante suas viagens nacionais alguma experiência relacionada ao racismo* e/ou injúria racial?**

*Racismo: Discriminação de todo um grupo social;

**Injúria Racial: Ofensa feita a uma determinada pessoa com referência à sua raça, etnia, cor, religião ou origem.

- () Sim, racismo.
- () Sim, injúria racial.
- () Sim, os dois.
- () Não.

Q12.1. Caso sinta-se confortável para compartilhar o relato da experiência:

R:

Viagem e Experiência Etnológica Internacional

Q13. Quais fatores te desestimulam a viajar hoje?

Q14. Você já realizou alguma viagem internacional?

- () Sim
- () Não

Não, mas tenho interesse

Se sim:

**

Q14.1. Qual foi o destino da sua última viagem internacional a lazer no período de 2017 - 2018?

R:

Q14.2 Você já viveu e/ou presenciou durante suas viagens internacionais alguma experiência relacionada ao racismo e/ou injúria racial?

Sim, racismo.

Sim, injúria racial.

Sim, os dois.

Não.

Q14.2.1. Caso sinta-se confortável para compartilhar o relato da experiência:

R:

Movimento Afroturístico

Q15. Atualmente, existem empresas no setor de viagens que proporcionam experiências afrocentradas, além de garantir um atendimento sensível a minorias, sem discriminação e preconceito. Você sabia dessa informação?

Sim

Não

Se sim:

**

Q15.1 Você já experimentou algum serviço de viagem com essas características? Caso tenha experimentado, conte um pouco da sua experiência

R:

Q15.2. Entre uma prestadora serviço comum e outra especializada em atender o potencial consumidor afro-brasileiro de viagem, você tem preferência?

Sim

Não

Q15.2.1 Por quê?

R:

Q16. Com essa informação, qual a sua expectativa em relação a esse tipo de atendimento?

R:

Q17. Você acredita que esse serviço pode impactar na auto-estima cultural e conhecimento das raízes culturais da população negra do Brasil? Comente.

R:

Q18. Espaço livre para comentários em relação a experiência de viajar e ser negro (a).

R:

Obrigada por contribuir!

APÊNDICE B

Resultados em relação às questões fechadas, cujo resultados são exatos. Os quadros e tabelas construídos de maneira subjetivas se encontram no corpo do texto, no Capítulo 4.

Tabela 11 - Frequências Q1. Gênero

GÊNERO		
Gênero	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Feminino	447	77.1%
Masculino	129	22.2%
Identidade não-binária	4	0.7%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100.0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 12 - Frequências Q2. Idade

FAIXA ETÁRIA		
Faixas Etárias	Idade	Frequência Relativa
Até 17 anos	6	1.0%
De 18 a 25 anos	269	46.4%
De 26 a 30 anos	125	21.6%
De 31 a 45 anos	136	23.4%
De 46 a 59 anos	35	6.0%
Mais que 60 anos	9	1.6%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100.0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 13 - Frequências Q5. Escolaridade

ESCOLARIDADE		
Nível de Escolaridade	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Ensino Fundamental Completo	2	0.3%
Ensino Fundamental Incompleto	1	0.2%
Ensino Médio Completo	47	8.1%
Ensino Médio Incompleto	7	1.2%
Ensino Superior Completo	165	28.4%
Ensino Superior Incompleto	224	38.6%
Pós Graduação	134	23.1%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100.0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 14 - Frequências Q6. Ocupação

OCUPAÇÃO		
Ocupação	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Aposentado	8	1.4%
Autônomo (a)	71	12.2%
Carteira Assinada	171	29.5%
Desempregado (a)	41	7.1%
Estagiário	46	7.9%
Estudante	166	28.6%
Outros	77	13.3%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100.0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 15 - Frequências Q7. Faixa Salarial

RENDA FAMILIAR MENSAL		
Faixas Salariais	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Até R\$1.000,00	46	7,9%
De R\$ 1.000,01 a R\$3.000,00	190	32,8%
De R\$3.001,00 a 5.000,00	155	26,7%
De R\$ 5.001,00 a 10.000,00	135	23,3%
De 10.001,00 a 15.000,00	27	4,7%
Mais que 15.000,00	27	4,7%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 16 - Frequências Q8. Movimentos Sociais

Você se considera engajado (a) e/ou interessado (a) em algum tipo de movimento social?		
Engajamento e/ou Interesse	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Não	111	19,1%
Sim	469	80,9%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 17 - Frequências Q9. Movimento Negro

Você se considera engajado (a) e/ou interessado (a) nas pautas do movimento negro de maneira geral?		
Engajamento e/ou Interesse	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Não	48	8,3%
Sim	532	91,7%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 18 - Frequências Q12. Racismo ou Injúria em viagens domésticas

Você já viveu e/ou presenciou durante suas viagens nacionais alguma experiência relacionada ao racismo e/ou injúria racial?		
Viveu e/ou Presenciou	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Não.	309	53,3%
Sim, injúria racial.	44	7,6%
Sim, os dois.	69	11,9%
Sim, racismo.	158	27,2%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 19 - Frequências Q14. Você já realizou alguma viagem internacional?

Você já realizou alguma viagem internacional?		
Viagem Internacional	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sim	280	48,3%
Não	91	15,7%
Não, mas tenho interesse	189	32,6%
Outros	20	3,4%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 20 - Frequências Q14.2. Racismo ou Injúria em viagens internacionais

Você já viveu e/ou presenciou durante suas viagens internacionais alguma experiência relacionada ao racismo e/ou injúria racial?		
Viveu e/ou Presenciou	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Não.	457	78,8%
Sim, injúria racial.	29	5,0%
Sim, os dois.	27	4,7%
Sim, racismo.	67	11,6%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 21 - Frequências Q15. Empresas no setor de viagens

Atualmente, existem empresas no setor de viagens que proporcionam experiências afrocentradas, além de garantir um atendimento sensível a minorias, sem discriminação e preconceito. Você sabia dessa informação?		
Sabia da informação?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Não	475	81,9%
Sim	103	17,8%
Não respondeu	2	0,3%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Tabela 22 - Frequências Q. Preferências

Entre uma prestadora serviço comum e outra especializada em atender o potencial consumidor afro-brasileiro de viagem, você tem preferência?		
Preferência	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Não	112	19,3%
Sim	468	80,7%
<i>Total</i>	<i>580</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

ANEXO A

Figura 8 - Registro da reportagem Racismo Cordial - Almanaque da Folha de São Paulo

Especial-2 Domingo, 25 de junho de 1995

FOLHA DE S. PAULO

700 é o número de pessoas mobilizadas pelo Datafolha para realizar esta pesquisa sobre preconceito de cor

5.081 é o número de entrevistados em todo o país nesta pesquisa do Datafolha

Datafolha revela o brasileiro

Pesquisa inédita faz mapeamento científico do preconceito de cor no Brasil

Da Reportagem Local

No início dos anos 60, o sociólogo Florestan Fernandes cunhou uma frase: "O brasileiro não evita, mas tem vergonha de ter preconceito".

O Datafolha faria essa vergonha. Fez a maior pesquisa da história do Brasil sobre preconceito de cor. No levantamento, 87% dos pesquisados não-negros manifestam algum preconceito contra negros ao responder o questionário. Mas só 10% envergaram preconceito naquilo que fazem.

O Datafolha também descobriu que o brasileiro não gosta de ser chamado de "pardão". Preferir ser moreno, uma designação que o IBGE não reconhece.

Os pobres — e não os ricos — são os que mais manifestam preconceito contra negros. Mais da metade dos negros aceita o enunciado "negro bom é negro de alma branca". E os negros dizem estar satisfeitos consigo mesmos: 77% dos entrevistados não querem mudar a aparência.

O Datafolha relatou sua pesquisa em 167 páginas. Hoje, a Folha apresenta os resultados neste caderno especial. (FR)

Entenda como é a metodologia

MAURO FRANCISCO PAULINO
Gerente de Pesquisas de Opinião do Datafolha

O Datafolha mobilizou cerca de 700 pessoas para realizar a mais ampla pesquisa sobre preconceito racial no Brasil.

A pesquisa foi realizada em todas as unidades da Federação, envolvendo 5.081 pessoas maiores de 16 anos em entrevistas pessoais, em 121 cidades, de 4 a 6 de abril.

Esse número de entrevistas permite um detalhamento pontualizado nos cruzamentos. É possível analisar opiniões, por exemplo, de cada grupo étnico segundo a faixa etária ou região de moradia.

Há dois conceitos presentes em todo levantamento feito por amostragem: são a margem de erro e o intervalo de confiança.

A margem de erro define variação dos resultados da pesquisa. Neste estudo, a margem de erro é de dois pontos percentuais. Assim, quando se diz que 89% dos brasileiros afirmam que os brancos têm preconceito de cor em relação aos negros, numa leitura rigorosa o correto seria afirmar que de 87% a 91% têm essa opinião.

O intervalo de confiança serve para se saber o número de vezes que a pesquisa poderia ser realizada sem que o resultado ficasse fora da margem de erro. Neste estudo, o intervalo de confiança é de 95%.

Um intervalo de confiança de 95% significa que se fossem feitos 100 levantamentos simultâneos com a mesma metodologia, em 95 os resultados ficariam na margem de erro de dois pontos percentuais.

Todas as projeções foram baseadas no número de brasileiros acima de 16 anos (97.659.740 habitantes) divulgado pelo IBGE a partir do Censo de 1991, aplicadas as taxas de crescimento para 1994.

Também foi baseado em conceitos do IBGE o critério de classificação por etnia. Essa classificação foi feita de três formas distintas:

1) Antes de cada entrevista os pesquisadores anotavam a cor observada dos entrevistados segundo os critérios do IBGE (branca, preta, parda, amarela e indígena).

2) Os entrevistados classificavam-se espontaneamente de acordo com a nomenclatura que habitualmente utilizam.

3) Os entrevistados eram solicitados a se auto-classificar de acordo com os critérios do IBGE.

Esta pesquisa foi realizada a partir de um processo de amostragem estratificada por sexo e idade, com sorteio aleatório dos entrevistados. O conjunto da população adulta do país é tomado como universo da pesquisa e dividido inicialmente em quatro subuniversos que representam as regiões.

Em cada subuniverso os municípios são agrupados de acordo com a localização geográfica e o nível socioeconômico.

Dentro de cada grupo são sorteados municípios estratificados pelo porte correspondente. Num processo de sorteios sucessivos chega-se ao bairro e ao indivíduo.

A direção do Datafolha é dirigida pelo sociólogo Antonio Manuel Teixeira Mendes e Gustavo Verri, tendo como assistentes Flávia Francisco Paula e as assistentes Renata Moraes, César e Karla Mendes. A direção comercial é de Erivaldo Nogueira e Siqueira.

ÍNDICE

Conheça algumas histórias do caderno "Racismo Cordial"

3 Lucia Paiva Maria Theresia, diretora de colégio aposentada, foi absolvida em processo por crime de racismo	13 Bel Polacco Marlene Lima da Silva, que foi escravizada pela patroa durante dois anos, segundo inquérito policial, em facie
5 Francis Santos Cláudio Adão, negro, futebolista, que se casou com Paula Barreto, branca e enfrentou o preconceito das famílias	14 Bel Polacco Adson Carvalho, dono de uma empresa de serviços de informática, que deve faturar US\$ 100 milhões
7 Eduardo de Franco Conceição Aparecida Simão, mulata que não sabe dançar samba e se considera "sexualmente arreata"	15 Francis Santos Idalce Bantos, cabeleireira carioca, que há 15 anos faz a cabeça de senadora petista Benedita da Silva
9 Paulo Góes Alexandre Dias, piloto, um dos dez comandantes negros da Virg. Para ele, sua mãe "vê racismo até em janelas"	16 Francis Santos Carli Regina da Silva, vendedora, frequentadora do Clube da Cidade em São Paulo, que optou pelo "look" careca
10 Paulo Góes Nilton Santos Oliveira, único juiz negro do 1º Tribunal do Juri, que enfrenta preconceito até dos réus	ENTREVISTAS
12 Bel Polacco Inêzide de Andrade, enfermeira, escritora e militante negra nordestina, que costuma a sexualidade precoce nas festas	6 Luza Ferraz Elza Bernagali, demográfica, assistente social do IBGE na elaboração do Censo. Propõe publicidade sobre a cor
ARTIGOS	8 Tom Alcott Milton Santos, geógrafo, crítico de racismo. Datafolha, que segundo ele, segundo não aceita mais o preconceito
2 Paul Singer, economista, analisa a pesquisa Datafolha	6 Marilene Felinto, da equipe de articulistas, defende o mestiço
11 Dácio de Freitas, historiador, critica racismo	

RESPONDA VOCÊ TAMBÉM AS 12 PERGUNTAS DO DATAFOLHA

Depois de responder, confira a pontuação na página 4

1 "Negro bom é negro de alma branca?" A) Concordo totalmente B) Concordo em parte C) Discordo em parte D) Discordo totalmente	7 "Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele?" A) Concordo totalmente B) Concordo em parte C) Discordo em parte D) Discordo totalmente
2 "As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esportes?" A) Concordo totalmente B) Concordo em parte C) Discordo em parte D) Discordo totalmente	8 Quem são mais inteligentes, os brancos ou os negros? A) Não existem diferenças B) Os brancos C) Os negros
3 "Se Deus fez raças diferentes, é para que elas não se misturem?" A) Concordo totalmente B) Concordo em parte C) Discordo em parte D) Discordo totalmente	9 Você já votou ou votaria em algum político negro? A) Já votou B) Não votou, mas votaria C) Não votou e não votaria
4 "Negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída?" A) Concordo totalmente B) Concordo em parte C) Discordo em parte D) Discordo totalmente	10 O que faria se tivesse um chefe negro? A) Não se importaria B) Ficaria contrariado, mas procuraria aceitar C) Não aceitaria e mudaria de trabalho
5 "Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão?" A) Concordo totalmente B) Concordo em parte C) Discordo em parte D) Discordo totalmente	11 O que você faria se várias famílias negras viessem morar na vizinhança? A) Não se importaria B) Ficaria contrariado, mas procuraria aceitar C) Não aceitaria e mudaria de casa
6 "Uma coisa boa do povo brasileiro é a mistura de raças?" A) Concordo totalmente B) Concordo em parte C) Discordo em parte D) Discordo totalmente	12 O que você faria se um filho ou uma filha casasse com uma pessoa negra? A) Não se importaria B) Ficaria contrariado, mas procuraria aceitar C) Não aceitaria o casamento

ARTIGO

A razão das diferenças

PAUL SINGER

Uma das diferenças mais evidentes, no Brasil, entre brancos e pretos é a condição econômica: a dos primeiros é nitidamente superior à dos últimos. A pesquisa do Datafolha oferece à escolha dos entrevistados duas explicações para este fato: 1) "o preconceito e a discriminação dos brancos contra os negros" ou 2) "os negros não aproveitaram as oportunidades que têm para melhorar de vida".

58% votaram a favor da primeira razão e apenas 26% a favor da segunda, 8% acharam que as duas razões são verdadeiras. Há, portanto, uma maioria folgada, de mais de duas vezes, que atribui a pobreza da população negra à discriminação em relação aos que acham que o principal culpado pela situação de penúria do negro é ele mesmo. O que é reconfortador, convenhamos.

É interessante notar que entre os que se consideram brancos, a relação entre maioria e minoria é igual — 58% x 26% — à da totalidade. Entre os que se consideram pardos, o desvirtuamento maior e menor é 61% x 24% — é um pouco maior.

O espantoso é que entre os que se identificam como pretos o desvirtuê é bem menor — 53% x 31%. Entre os próprios inferiorizados, a proporção que acusa o preconceito é menor e a proporção que culpa a si mesmos maior do que nos outros dois grupos étnicos distinguíveis na pesquisa.

Dentro de cada um dos três grupos étnicos, há outras características pessoais que marcam posicionamentos distintos. A mais importante neste sentido é a escolaridade. A relação entre os que concordam com a 1ª razão e com a 2ª é de 52% x 30% entre os brancos com até o 1º grau, de 68% x 26% entre os brancos com 2º grau e de 59% x 17% entre os brancos com grau superior. Fica claro que quanto maior a escolaridade, tanto maior é a consciência de que a população negra é vítima de discriminação. Essa influência da escolaridade é ainda maior entre os pardos: para os que têm até o 1º grau, a relação entre os que escolheram a 1ª razão e a 2ª razão é de 54% x 28%; para os que têm 2º grau, a relação é de 72% x 18% e para os que têm grau superior a relação é de 74% x 15%.

Entre os negros a influência da escolaridade é menor: entre os que têm 1º grau, a relação é 50% x 34%, entre os que têm 2º grau ela é de 61% x 23% e entre os que têm grau superior ela é de 55% x 19%.

Em cada um dos grupos étnicos, os que têm apenas o 1º grau ou menos apresentam proporção relativamente alta que acha que a culpa é dos próprios negros. Esta proporção cai nos que completaram o 2º grau, tanto entre os brancos como entre pardos e negros.

Mas a influência neste mesmo sentido do grau superior só é incoerente entre os pardos. Tanto entre os brancos como entre os pretos com grau superior cresce a proporção que aceita as duas razões, isto é, acham que os negros são vítimas e culpados ao mesmo tempo. São 12% dos brancos e 22% dos pretos.

As atitudes assumidas pelos que se identificam como pretos são algo enigmáticas, sobretudo dos que completaram ensino superior. Praticamente 41% deles aceita a ideia que muitos de seus irmãos de raça são mais pobres porque não aproveitaram as oportunidades que têm.

É possível que parte dos negros mais intelectualizados deprecie assumir uma postura de isenção para não parecer guiado pelo auto-interesse. Ou então nutra opiniões muito mais críticas em relação à sua própria etnia do que brancos e sobretudo pardos com a mesma escolaridade.

Convém notar que não é apenas a população negra mas também a população parda que sofre de condições de vida piores que a população branca. Mas, como a pergunta feita só faz referência aos negros, isso pode ter deixado os pardos mais à vontade para atribuir unicamente ao preconceito a causa da diferença.

A atitude dos negros talvez possa ser melhor interpretada, se a compararmos com as respostas oferecidas a uma outra pergunta, a respeito de uma pessoa negra jovem, que se disponha a trabalhar duro para melhorar de vida.

Os respondentes escolheram uma de duas alternativas: 1ª a pessoa negra conseguirá seu intento; ou 2ª ela não tem chance de êxito, por mais que se esforce. É interessante observar que os brancos e pardos que admitem ter preconceitos contra negros optaram mais pela 2ª alternativa do que os brancos e pardos que não têm preconceitos. O que sugere que a 1ª alternativa, longe de negar o peso do preconceito contra o negro em nossa sociedade, demonstra confiança em sua capacidade de superá-lo.

A relação entre os que optaram pela 1ª alternativa e pela 2ª alternativa no conjunto da mostra foi de 78% x 17%. Entre os negros foi de 75% x 19%, mas entre os negros com grau superior foi de 82% x 6%!

Parece claro que, com exceção de uma pequena minoria, os pretos com grau superior confiam em seus irmãos. O que reflete a hipótese de que suas respostas a respeito da causa da maior pobreza dos negros no Brasil não denotam tanto auto-preconceito como a ansiedade de não parecerem parciais em causa própria.

Deveria valer a pena utilizar outros instrumentos de pesquisa, como discussões em grupo, para atingir melhor entendimento da questão.

PAUL SINGER, 41, economista, é professor titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo e pesquisador do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

ANEXO B

Figura 9 - Distribuição espacial da população segundo cor ou raça: pretos e pardos.

